

Mensal Nº40 Setembro 2015 Fundação José Saramago

BLIMUNDA GUERRA, FUGA E RECO
MEÇO
A CASA DE BORDALO A LUZ DE LISBOA

REFUGIADOS

ENSAYO EXPLOITATION
MADE IN PORTUGAL
SOBRE A LUCIDEZ

Uivemos, disse o cão.

José Saramago, *Ensaio sobre a Lucidez*

04

A força do voto

Editorial

06

**Leituras
do mês**

Sara Figueiredo Costa

11

Estante

Andreia Brites
Sara Figueiredo Costa

15

**A casa de
Bordalo**

Sara Figueiredo Costa

27

A luz de Lisboa

Ricardo Viel

38

**Exploitation made
in Portugal-II**

João Monteiro

54

**Guerra, fuga
e recomeço**

Andreia Brites

76

Dicionário

Madalena Matoso
Sílvia Borges Silva

77

Espelho Meu

Andreia Brites

79

**Notas de
Rodapé**

Andreia Brites

80

**Ensaio Sobre
a Lucidez**

José Saramago

102

Agenda

A força do voto

Numa Europa envelhecida e enfraquecida, a enfrentar um dos maiores desafios da sua história, a entrada de milhares de refugiados que não encontram deste lado da guerra e da fome a proteção que lhes é devida, vivem-se até ao final do ano pelo menos três atos eleitorais, em Portugal, Grécia e Espanha.

Alertando para a necessidade de intervenção e reflexão não apenas em momentos eleitorais, mas todos os dias, a *Blimunda* publica nesta edição de setembro um conjunto de excertos do romance *Ensaio sobre a Lucidez*, de José

Saramago, porque não pode haver «mau tempo para votar» e porque o voto, momento de afirmação da democracia tão subtilmente ameaçada por diferentes oligarquias, materializa a urgente vontade de mudança nos dias de hoje.

A mudança possível pode significar também o renascer da esperança para os que procuram em solo europeu a possibilidade de uma vida livre do medo. A par de um acolhimento digno em termos materiais, as perspetivas de uma integração cultural não podem ser esquecidas, no respeito integral pelas suas próprias identidades. Os livros, neste caso concreto os de receção infantil e juvenil, podem ter um papel fundamental a desempenhar em todo o processo. As páginas da *Blimunda* oferecem um guia de leitura de obras que, retratando o terror da guerra e das migrações forçadas, apontam caminhos na direção certa do pleno cumprimento dos Direitos Humanos.

Blimunda 40
setembro 2015

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa - Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados

são da responsabilidade

dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação

podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença

Creative Commons

Segunda a Sábado
Monday to Saturday
10 às 18 horas
10 am to 6 pm

COMO CHEGAR
GETTING HERE
Metro Subway Terreiro do Paço
(Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses 25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746, 759, 774,
781, 782, 783, 794



ONDE ESTAMOS
WHERE TO FIND US

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

FUNDAÇÃO
JOSÉ SARAMAGO
THE JOSÉ
SARAMAGO
FOUNDATION
CASA DOS
BICOS

Graneña

Livro inédito

Descobrir Fogwill

O suplemento Ñ, do jornal Clarín, dedicou uma página ao escritor Rodolfo Fogwill, cuja aparição nas letras argentinas teve o efeito de um cometa. Sem método nem marketing, Fogwill trabalharia em vários livros ao mesmo tempo, alternando a poesia e a prosa, publicando desordenadamente e protagonizando algumas aparições públicas que se tornaram lendárias.

Recentemente, o surgimento de um livro inédito de Fogwill veio enriquecer o património deste autor, desaparecido em 2010. Diego Erlan, autor do artigo, contextualiza: «*El efecto de realidad y Las horas de citar* –sus primeros libros de poemas– son el producto de esas lecturas y saqueos, y preceden por algunos meses de 1980 a *Mis muertos punk*, su debut en el cuento, volumen publicado, como los anteriores, por la editorial que fundó cuando aún era empresario publicitario a fines de los 70: Tierra Baldía. A partir del descubrimiento de algunos inéditos podríamos sospechar



que Fogwill, en esa época, ya escribía varias novelas a la vez. Una fue *La buena nueva* de los libros del caminante, que salió en 1990, pero hubo otra que permanece inédita y se llama *Efectos personales*.» Algunos dos textos que integran o livro já terão sido publicados em *Mis Muertos Punk*, que deu a Fogwill o Prémio Coca-Cola de 1980, mas a maioria só agora se pode ler pela primeira vez. «*Mis muertos punk* [...] hizo emerger a un cuentista esencial, a un autor polémico y, con los años, fundamental para la literatura argentina. Oculto bajo esas páginas quedaría el narrador de esta novela que se arrastra por una pensión soportando las quejas de sus vecinos “contra mis visitantes, contra mi máquina de escribir, contra mi perrito Sábado, contra mi cara, contra mis ensayos de guitarra, contra mis ejercicios de vocalización y Taekwondo, disciplinas que hace años me he impuesto y que no dejaré jamás”. El narrador, personaje central (¿quién sino él?), convertido en niebla.»



Na morte de Rafael Chirbes

O escritor espanhol Rafael Chirbes morreu no passado mês de agosto, poucos dias depois de ter entregue ao seu editor o manuscrito de um novo romance, *Paris-Austerlitz*, que será publicado brevemente. No *Público*, José Riço Direitinho traça-lhe o perfil biográfico e literário:

«A própria crítica “arrumava” Chirbes na prateleira da literatura “antiquada”, de um realismo quase anacrónico, que alguns viriam a chamar “galdosiano”. São romances que parecem vir de um tempo em que a literatura se assumia sobretudo como expressão do real. Ele próprio se confessava herdeiro (e contaminado) pela tradição onde se incluíam os nomes de Benito Pérez Galdós, de Valle-Inclán e de Pio Baroja. Mas o que Rafael Chirbes fazia, como uma espécie de cronista do real, era explorar e enunciar esses “laços ocultos” (nisto, com as devidas diferenças e distâncias, a fazer

lembrar Don DeLillo) que ligam o passado ao presente, ou como a partir do passado se pode chegar a uma nova redação, a uma nova versão, da História oficial que o poder político não se cansa de fazer, e com isso entender com maior lucidez os tempos que vivemos. À maneira de Balzac, também os romances de Chirbes (que estudou História) aspiram a contar a vida privada da nação espanhola.»



Refugiados Passado e futuro

É a maior crise de refugiados desde a II Guerra Mundial. Vindas da Síria, do Iraque, do Afeganistão, do Sudão ou da Eritreia, milhares de pessoas fogem às guerras e à miséria que lhes rouba qualquer hipótese de futuro e tentam, a todo o custo, entrar na Europa. A situação tem tido eco na imprensa internacional, nomeadamente no *El País*, que tem acompanhado



igualmente as reações à chegada de refugiados à Europa. Na edição de 11 de setembro, o jornalista Guillermo Altares assina um artigo que analisa o papel que os refugiados de vários conflitos do passado foram tendo na construção europeia e mundial, uma contribuição esclarecedora que pode ajudar a erradicar tantos comentários xenófobos que têm invadido as redes sociais. «Cuando Europa se enfrenta a la mayor oleada de refugiados desde la II Guerra Mundial, en medio de muestras de una solidaridad emocionante y de un egoísmo indignante, es interesante recordar el gigantesco papel que los refugiados jugaron en la construcción de nuestro mundo. “Las poblaciones se mueven constantemente, a causa de la guerra, de los desastres, del hambre, de la pobreza, algunos son refugiados políticos, otros viajan desde una parte de un país hasta otra, como ocurrió en EE UU desde el sur hasta el norte”, asegura Herbert J. Gans, profesor de la Universidad de

Columbia (...)» Numa rua tão simbólica dos caminhos que os seres humanos traçam e são forçados a traçar no mundo como a Brick Lane, Altares conclui assim: “En la fachada de la mezquita de Brick Lane todavía se conserva un reloj de sol de sus primeros constructores con una cita de una oda de Horacio, “Umbra Sumus”. El verso completo dice “Somos sombras y polvo”. Seguramente los calvinistas que buscaron refugio cerca del Támesis no sabían que aquel edificio y aquellas palabras se convertirían en la metáfora de la interminable huida del ser humano que nos ha convertido en lo que somos.»



Manuais escolares O negócio

Ano após ano, o reinício do ano letivo em Portugal traz o regresso de uma despesa muito alta por parte de quem tem filhos na escola. Os manuais

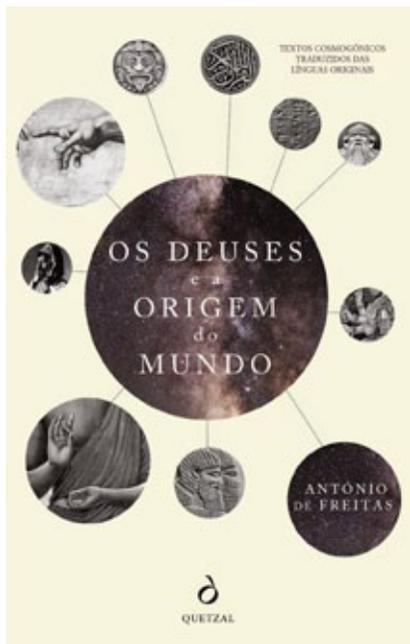
escolares, obrigatórios, são caros, trazem extras dos quais não se pode prescindir e mudam frequentemente, impedindo a sua reutilização. No blog *Malomil* publica-se um longo artigo sobre essa realidade, cruzando a experiência familiar de quem escreve com dados divulgados pela imprensa. «A primeira questão dos manuais escolares, antes de qualquer outra, é o seu preço – exorbitante. A segunda questão é a qualidade dos conteúdos. Deve ser fraca, mesmo muito fraca, pois, sempre que podem, as editoras publicam novos manuais, revogando os anteriores. Os que nos venderam o ano passado, por 40 e muitos euros, rapidamente se desgastam com a chegada do outono. Se temos de mudar de manuais todos os anos, isto significa que, além de caros, os livros são maus. Degradam-se com facilidade, desatualizam-se mais depressa do que seria suposto. A lei impõe que os manuais tenham a duração de seis anos. Mas permite que esse prazo seja encurtado, penso

que excepcionalmente, «nos casos em que o conhecimento científico evolua de forma célere ou o conteúdo dos programas se revele desfasado relativamente ao conhecimento científico generalizadamente aceite» (artigo 4º). Terão sido feitas descobertas revolucionárias, no campo da Física ou da Matemática, da Biologia e da Química, da História e da Língua Portuguesa, que justifiquem não cumprir a lei? E, para evitar o desperdício, não se poderiam, em caso de alterações imprescindíveis, fazer breves «cadernos» de atualização, mantendo os manuais, ou recorrer a fotocópias, à Internet, etc.? Chegamos ao ensino universitário, onde a exigência de atualização é naturalmente maior, e nada disto se passa: os livros perduram vários anos, em reedições sucessivas.»



Os Deuses e a Origem do Mundo **António de Freitas** **Quetzal**

Imaginando **começos**



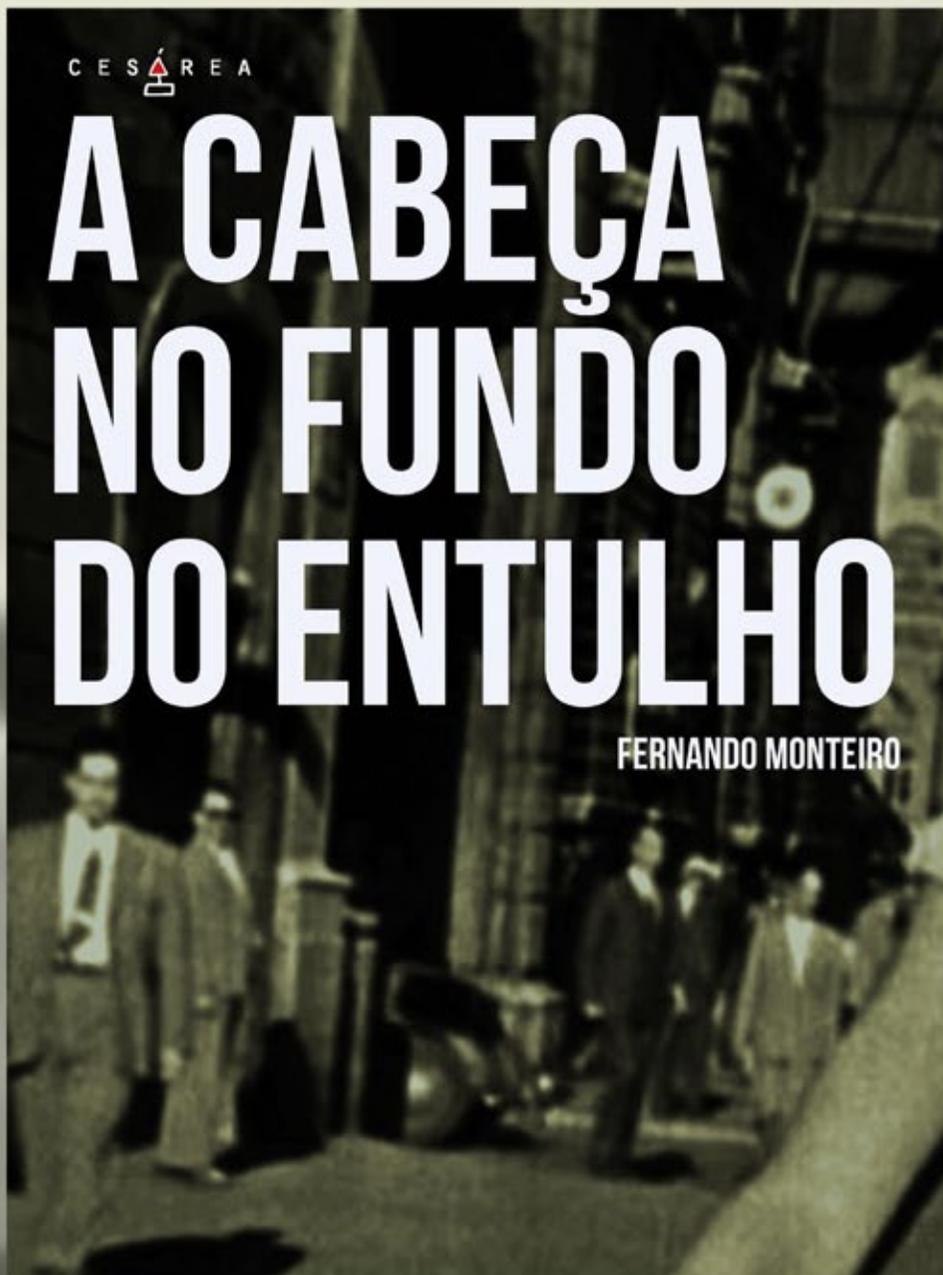
Não é comum, em Portugal, a publicação de livros que versem temas considerados 'académicos' abordados numa perspetiva de divulgação. Se isso vai acontecendo com as ciências, havendo boas coleções onde especialistas de áreas como a física, a astronomia ou a biologia assinam textos simultaneamente rigorosos e acessíveis a um público interessado, mas longe de ser especializado (veja-se, por exemplo, o trabalho da editora Gradiva), as chamadas humanidades não são objeto de gestos semelhantes tantas vezes quanto seria desejável. Saúda-se, por isso, a publicação de um livro dedicado às cosmogonias oriundas do território cultural a que chamamos Ocidente, assinado por um especialista na matéria e construído sem as inevitáveis barreiras criadas por uma linguagem nem sempre acessível ao grande público.

António de Freitas é um investigador multidisciplinar cuja área central de trabalho inclui a escrita cuneiforme, as línguas indo-europeias e as civilizações associadas a estas matrizes linguísticas, da suméria à

grega. Em *Os Deuses e a Origem do Mundo* propõe uma curta antologia de textos cosmogónicos, relatos cujas narrativas procuram encenar, revelar e apresentar com o detalhe possível a criação do universo. Suméria, Babilónia e Israel abrem o volume, dando a ler textos como o Enuma Elish – a cosmogonia babilónica cujos ecos se reconhecem em boa parte dos textos posteriores –, os fragmentos sumérios com a história de An e Ki ou o Génesis bíblico. Segue-se um capítulo dedicado à Índia, com os textos védicos, e o livro fecha com o espaço entre a Grécia e o Próximo Oriente, ao qual se dedicam várias páginas. Todos os textos escolhidos são devidamente contextualizados, permitindo aligeirar as dificuldades de compreensão de fórmulas linguísticas antigas, aspetos históricos e referências a factos.

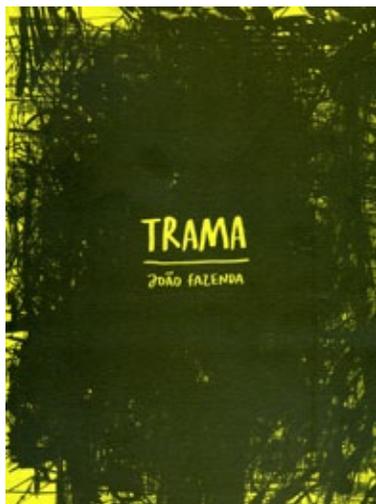
Uma leitura atenta dos textos selecionados e traduzidos neste volume revela as idiosincrasias culturais de cada civilização representada, revelando igualmente a enorme quantidade de elementos – simbólicos, textuais, teogónicos – comuns a todas

elas. De certo modo, confirma-se a matéria comum de que são feitos os mitos da criação sem nunca deixar de se perceber que cada época e cada cultura explicam o mundo em função do que conhecem, temem e arriscam adivinhar. Sente-se, no entanto, a falta de outras cosmogonias, de paragens localizadas fora deste eixo civilizacional que abarca a Europa e parte do Oriente, mas a limitação geográfica é assumida desde a introdução, circunscrevendo os textos escolhidos: "Este livro é uma antologia de alguns dos textos cosmogónicos que têm sido considerados fundamentais para a nossa civilização que, ainda chamada 'ocidental', descansa sobre os ombros de várias civilizações chamadas 'orientais', em particular do chamado Próximo Oriente." A falta que essas outras cosmogonias despertam deve-se, portanto, ao entusiasmo que a leitura provoca e à vontade de conhecer, e poder comparar, textos de outras tradições, e não a qualquer engano criado pelo livro, que cumpre à letra os propósitos que anuncia.



UMA ESPIONAGEM CANASTRONA POR UMA ROMA QUE NÃO SUSTENTA MAIS SUA LENDA, UM PRÊMIO NOBEL PELOS SUBÚRBIOS DO RECIFE... UM UNIVERSO EM DESCONSTRUÇÃO NESSE SEGUNDO ROMANCE DE FERNANDO MONTEIRO, QUE GANHOU PRÊMIO BRAVO DE LITERATURA DE 1999.

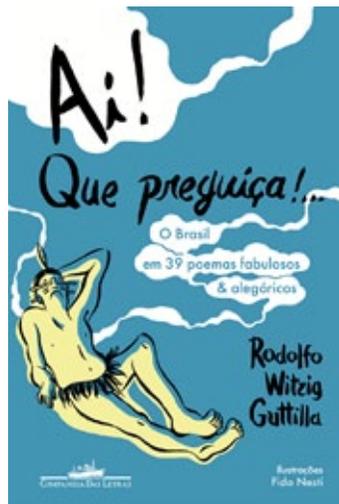
CESAREA.COM.BR



Trama

João Fazenda
Abysmo

Diário de trabalho, *sketchbook*, campo de experiências, todos estes epítetos poderiam acompanhar o mais recente livro de João Fazenda. Aqui se apresentam desenhos onde se percebe o intuito de descoberta a partir do traço ao lado de imagens aparentemente acabadas, com personagens que parecem reaparecer noutras páginas e uma certa dimensão narrativa. Tudo no traço seguro de um dos mais interessantes autores portugueses de banda desenhada e ilustração.



Ai! Que preguiça!...

Rudolfo W. Guttilla
Companhia das Letras

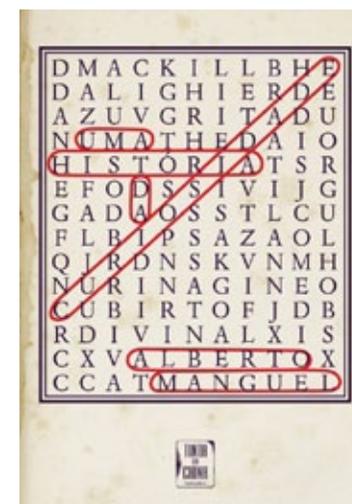
Poemas sobre a história do Brasil, marcados pelo mote da personagem de Macunaíma (o protagonista do romance homónimo de Mário de Andrade) e por uma ironia que se cruza harmoniosamente com a admiração, a ilusão ou a decepção. As ilustrações são de Fido Nesti e espalham-se pelas páginas ocupando o espaço das palavras.



A Escada Vermelha

Fernando Pérez Hernando
Kalandraka

Um álbum paralelístico, em que um pássaro se confronta com o desconhecimento que tem de si próprio. Ainda, a presença discreta de um coelho que, para além do seu papel de conselheiro, espelha as alternativas que sempre existem para alcançar aquilo que aparentemente nos parece vedado. A simplicidade do texto e a limpidez do traço reforçam a evidência essencial da mensagem junto dos pré-leitores.



Uma História da Curiosidade

Alberto Manguel
Tinta da China

Com *Uma História da Leitura*, Alberto Manguel construiu um livro monumental sobre a cultura e a sua propagação ao longo do tempo, demonstrando a sua vocação para cruzar histórias, factos e conhecimentos sem nunca perder o fio condutor. No novo livro, o escritor argentino amplia esse gesto, desfiando reflexões sobre história, filosofia e memória e mostrando que as fronteiras entre saberes e disciplinas podem quebrar-se se o propósito for dar o melhor dos usos ao pensamento.



Altamente. Livro de treino mental

Margarida Fonseca Santos e Joana Jesus

Edicare

Neste manual, a autora apresenta de forma sumária várias estratégias para que as crianças e os seus cuidadores contornem angústias, ansiedade e medo. Para isso concilia algumas informações sobre psicologia e pedagogia com sugestões de atividades, especialmente dirigidas a professores, educadores e pais.

No final do volume constam em anexo alguns dos produtos escritos, usados como estratégia de promover o treino mental.

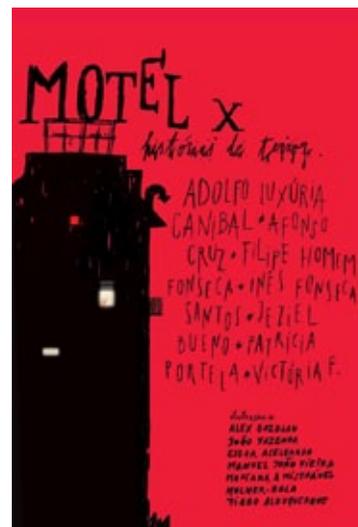


Los Poetas del 27 y el grupo Cántico de Córdoba

VVAA

Editorial Alegoría

Dois volumes onde se reúne a correspondência mantida por Ricardo Molina, poeta e editor da revista *Cántico* com vários escritores da chamada Geração de 27, entre eles Vicente Aleixandre, Luis Cernuda, Jorge Guillén, Gerardo Diego e Dámaso Alonso. A organização é da responsabilidade de Olga Rendón, professora na Universidad de Cádiz e especialista neste período da literatura espanhola.



Motel X. Histórias de Terror

VVAA

Motel X/ Escritório

Chegado à sua nona edição, o festival de cinema MOTELX junta escritores e ilustradores num livro de contos cujos ambientes e cenários andam pelos territórios do terror. Adolfo Luxúria Canibal, Afonso Cruz, Filipe Homem Fonseca, Inês Fonseca Santos, Jeziel Bueno, Patrícia Portela e Victória F. Assinam os textos e Alex Gozblau, Esgar Acelerado, João Fazenda, Manuel João Vieira, Mariana A Miserável, Teresa Amaral e Tiago Albuquerque tomam conta das ilustrações.



Porque chora o rei?

Ana Leonor Tenreiro, Pedro da Silva Martins e João Fazenda
Oficina do livro

Desengane-se quem associe o título ao tema interpretado por Cristina Branco. Desta feita, a narrativa representa nada mais do que a mais das comuns situações: encontrar a causa para o choro de um bebé. Depois de todas as tentativas óbvias, a solução acontece um pouco por acaso para os inefáveis pais e mães. Com ilustrações de João Fazenda, apenas no final se desvenda a verdadeira identidade do rei.

GRANTA

PORTUGAL | 5

Falhar melhor

GRANTA 5 | Falhar melhor

DIRECÇÃO DE CARLOS VAZ MARQUES | MAIO DE 2015

«Falhar melhor. O temperamento de cada um ditará se há na expressão de Beckett pessimismo, optimismo ou resignação. Ela é de tal modo poderosa, que corre o risco de vir a banalizar-se. Talvez já esteja à beira do lugar-comum. Dá bons títulos. [...]

O desafio lançado aos autores que fazem este número está contido na brecha aberta entre o optimismo e o pessimismo, entre a ideia de falhar e a perspectiva de aperfeiçoamento. Um salto sem rede.» —CVM

TEXTOS

Bruno Vieira Amaral, Rui Ângelo Araújo, Joana Bértholo, Cláudia Clemente, Jonathan Franzen, Paulo Varela Gomes, Howard Jacobson, Pedro Mexia, Herta Müller, Jacinto Lucas Pires, Simon Schama, Gore Vidal

ENSAIO FOTOGRÁFICO

Patrícia Almeida e David-Alexandre Guéniot

ILUSTRAÇÕES

Catarina Sobral

CAPA

Jorge Colombo

Receba 4 números da GRANTA com 25% de desconto.
Portugal: 54€ | Europa: 74€ | Resto do mundo: 86€

quarto
room
sonhatório
multimedia
biblioteca
library
restaurante
restaurant
loja shop



CASA FERNANDO PESSOA
www.casafernandopessoa.pt



10h00-18h00
Última entrada
Last admission
17h30
Encerrado | Closed
Domingos | Sundays
1.01 / 1.05 / 25.12



**Rua Coelho
da Rocha,
16**
Campo de
Ourique,
Lisboa



21 391 3270



10h - 23h
Encerrado | Closed
Domingo | Sunday



25 | 28 5min



Rato 15min



709 | 720 | 738 5min



EGEAC

ANA

SARA

DE

SARA FIGUEIREDO COSTA

BORDALO

Entre os prédios novos do Campo Grande, em Lisboa, e a estrada sempre cheia de carros, um pequeno edifício chama a atenção pelo contraste visual que cria na paisagem urbana. No número 382, uma moradia branca de dois andares acolhe o Museu Bordalo Pinheiro, guardando e dando a ver o espólio de um dos mais prolíficos artistas portugueses de sempre.

Construída em 1915, a casa que hoje é um museu foi erguida com o propósito de servir de morada a Cruz Magalhães, poeta republicano que foi amigo de Rafael Bordalo Pinheiro e um dos seus dedicados admiradores. Em 1916, Cruz Magalhães decide abrir o andar superior da moradia ao público, criando um pequeno museu que pudesse mostrar a obra do autor de Zé Povinho. O Museu Bordalo Pinheiro é, assim, o mais antigo museu português dedicado a um artista, e talvez seja, mesmo, o mais antigo na Europa. Isso mesmo explica João Alpuim Botelho, diretor do Museu, que recebeu a *Blimunda* para uma visita comentada às várias salas da casa.

«Cruz Magalhães já tinha muitas peças de Bordalo, mas entretanto começa-se a dar com Manuel Gustavo, filho do artista, que lhe dá muitas outras obras. É com esse espólio que nasce o Museu.»

À entrada, é o rosto de Bordalo que recebe os visitantes. Uma tábua cronológica acompanha a sua vida, não através de factos ou imagens das obras que assinou, mas antes mostrando retratos seus em cada um dos anos assinalados. A figura que ganhou raízes no imaginário nacional corresponde às fotografias mais recentes, onde se vê um Bordalo de corpo grande e pesado, sempre com a vivacidade permanente no olhar. O bigode, esse vem dos tempos de juventude. Já a inquietação que parece dominar o gesto, a mesma que gostamos de imaginar na origem de cada peça da sua extensa obra, parece estar impressa nos saís de prata das fotografias desde a infância. Um pouco mais adiante, um filme apresenta a biografia de Bordalo Pinheiro aos visitantes, contextualizando o seu trabalho com detalhe.

Vislumbrado o homem, há uma obra para descobrir. O trabalho gráfico de Bordalo Pinheiro, extenso e multifacetado,



Continuam todos debaixo da capa. A mesma albarda em cima das mesmas costas.



O Zé-Povinho transforma-se em Povo, aterrorizado com os aparelhos do sr.

N. B. — Esta pagina não é dedicada aos frequentadores de S. Carlos.

espalha-se pelas salas do primeiro andar, organizado em núcleos que ajudam a compreender os muitos gestos artísticos, cívicos e políticos que compõem a obra que deixou. Uma das salas é integralmente dedicada a Zé Povinho, figura criada em 1875 e logo apropriada como imagem de uma certa realidade nacional (e intemporal). «O Zé Povinho teve imediatamente um sucesso enorme», explica João Alpuim Botelho. «Em 1890 já era usado por outras pessoas e estava completamente instaurado, com pessoas a vestirem-se de Zé Povinho no Porto e aparições regulares em revistas e jornais.» Mais de um século passado sobre essa criação, continuamos a vislumbrar a figura de chapéu, colete, barba e manguito (gesto que nasceu, com alguma probabilidade, na sequência do *Ultimatum* inglês, ainda que não haja certezas sobre esse facto) impressa em diferentes espaços, de periódicos a panfletos. E quem andou pelas ruas há dois anos, acompanhando as manifestações contemporâneas da chegada da Troika a Portugal, deparou-se frequentemente com um homem vestido de Zé Povinho, encarnando a personagem com a apropriação que desde os tempos de Bordalo lhe tem sido dedicada.



epois de Zé Povinho, seguem-se uma imensa galeria de trabalhos destinados à impressão, começando por uma selecção de cartoons e narrativas gráficas onde o próprio artista se faz representar. «Bordalo misturava-se muitas nas suas histórias e imagens, o que fazia com que não fosse interpretado como alguém que está de camarote a apontar as coisas, mas alguém que está lá no meio. Isso, de algum modo, livra-o de alguma crítica, porque se assumia como um dos criticados», salienta o director do museu. Entre as imagens expostas, há uma que retrata um Bordalo já velho que, em 1903, pede lume a si próprio enquanto jovem. Nos bolsos, os jornais que publicou, *A Paródia*, *O António Maria*, e os gatos sempre por perto. Mais representativa é a banda desenhada que o coloca a desenhar numa pedra litográfica em diferentes cenários, com uma frase que garante que seja onde for, e em quaisquer circunstâncias, *O António Maria* continuará a ser publicado e as assinaturas a aguardar assinantes.

Guardando nas suas reservas muito mais peças do que aquelas que tem espaço para mostrar, o Museu Bordalo Pinheiro procura imprimir alguma rotatividade às obras que mostra, criando, para tal, exposições temáticas de longa duração. «Como Bordalo desenhou muito no seu quotidiano, é fácil pensar num tema e encontrar muito material sobre ele.» A presente exposição é dedicada à mesa, lugar onde o autor se sentiria particularmente bem. Sabe-se que Rafael Bordalo Pinheiro era um bom garfo, apreciador de longas refeições e de pratos consistentes. Numa das paredes, o desenho de António das Caldeiradas, cozinheiro de uma das casas de pasto que havia nos arredores de Lisboa, que faria uma caldeirada tão apreciada pelo autor que teve direito a um par de asas angelicais nas costas, não prescindindo do panelão e da colher para mexer o cozinhado. «Nós imaginamos que seria um homem grande, talvez rude, habituado à rotina da casa de pasto, mas Bordalo vê-o como um anjo que cozinha delicadamente», nota o diretor do Museu.

Há caixas de bolachas desenhadas por Bordalo para um amigo que tinha uma fábrica e que produziu uma série de bolachas com caras de ministros da época, brindes oferecidos

por estabelecimentos como a Casa Chinesa, rótulos de garrafas e menus, lado a lado com algumas composições mais artísticas, sem uma finalidade prática, que representam momentos onde a refeição assume papel de destaque. E também há uma secção onde os alimentos se assumem como metáforas políticas, onde é fácil encontrar ministros que são desenhados como nabos ou sessões públicas onde o tradicional carneiro com batatas era servido ao povo, uma oferta que, no olhar de Bordalo, ajudava a manter as expectativas populares tão controladas quanto possível.



difícil resumir em poucas palavras tudo o que a imprensa portuguesa deve a Bordalo Pinheiro. Fiquemo-nos pela defesa intransigente da liberdade de expressão, que Bordalo pagou a preço alto, com jornais encerrados e processos judiciais. O Museu mostra dezenas de cartoons, bandas desenhadas e ilustrações de capa assinadas por Bordalo Pinheiro para os muitos jornais em que participou, com destaque para *O António Maria* e *A Paródia*.

CHINA PARA TODOS



—A viagem á China foi o diabo! Agora todos querem ir para a China... Já que os não posso mandar, organisarei uma Chinasiuha a contento geral, nomeando:



—Mandarins de 1.ª classe: Nós.



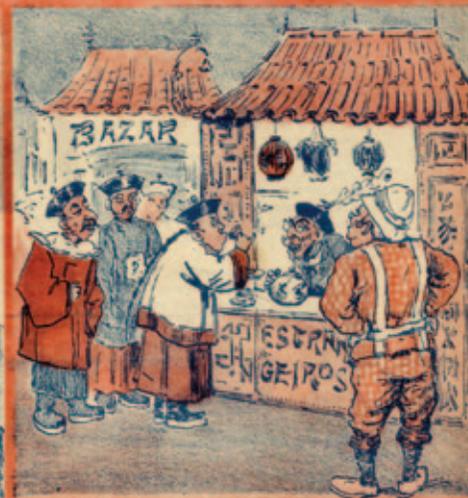
—Mandarins de 2.ª classe: Os nossos amigos e mandarins de 3.ª classe: isso então, conforme os votos de que dispozerem.



—Pagoda de 1.ª classe: o Parlamento.



—Pagoda de 2.ª classe: a Arcada.



Bazares:— em todos os ministerios, sendo servido o chá no dos Estrangeiros. Tudo enrabichado.



Bater Velas — Para chegar a roupa ao corpo a quem não estiver d'accordio.



Para o Zé... dois pausinhos... laranja da China, tabaco em pó e grellos mexidos... para elle só!



João Alpuim Botelho resume assim o modo como o autor encarava o seu labor jornalístico, sempre associado à crítica e à reflexão sobre a sociedade: «Bordalo era um republicano que também criticava os republicanos e que assumia que era, sobretudo, um operário, um jornalista, alguém que queria acima de tudo estar bem com a sua consciência, ser coerente consigo próprio. E isto em 1870.» Assim surgiram as caricaturas de figuras políticas da época, assinalando momentos e decisões que o autor apresentava com uma aguda reflexão sobre as intenções e os efeitos. Em cada imagem, é possível identificar os rostos dos envolvidos e a situação apresentada, mas o que sobressai é, sempre, a intemporalidade: «Os trabalhos do Bordalo são sempre universais, e isso é muito interessante. É como se ele conseguisse agarrar nos momentos e representá-los de modo a que se apliquem a qualquer época. E hoje olhamos para estes *cartoons* que representam ministros e deputados do tempo de Bordalo e pode ser um exercício interessante imaginar que figuras se encaixariam ali hoje.»

Num museu dedicado a um único artista, não falta uma pequena coleção de objetos pessoais. Aqui podem ver-se os materiais de pintura de Bordalo Pinheiro, mas igualmente objetos

do quotidiano, como um serviço de chá ou uma boquilha, e até a camisa que Bordalo levava vestida quando recebeu a condecoração do Governo Francês, em 1889, e onde o autor fez questão de escrever uma nota para não se esquecer desse dia.



o piso térreo, é a cerâmica que toma conta do espaço. Em 1884, Rafael Bordalo Pinheiro cria a fábrica nas Caldas da Rainha. «A ideia de fazer essa fábrica teve muito que ver com o acreditar na modernidade. Antes de avançar com o projeto, Bordalo andou pela Europa a visitar fábricas semelhantes e criou uma fábrica com cerca de cento e cinquenta empregados e com uma escola, o que era uma coisa muito avançada. As Caldas da Rainha eram o sítio que considerava o mais adequado, porque já tinha uma tradição ligada ao barro. E ele quis acreditar que dentro do movimento *arts and crafts* europeu, esta modernidade podia ser construída com base na tradição portuguesa, o que se nota na maioria das peças que cria.»



As peças que se mostram no Museu percorrem temas e abordagens variados, das cerâmicas monumentais, criadas para assinalar momentos relevantes da vida da fábrica ou do país, às mais portáteis e de uso quotidiano, como jarras, pratos ou chávenas. E depois há as peças que transbordam o génio de Bordalo, cruzando a perfeição estética com um humor afiado. «Quando saiu a chamada lei da rolha, que limitava a liberdade de imprensa, Bordalo fez este tinteiro que representa um jornalista com uma rolha na boca, posta por um polícia. E estes são os barrigas, personagens que representam políticos que são só barriga e pernas, sem que se consiga ver a cara.» Joia da coroa neste conjunto de cerâmicas pouco amigáveis é o penico criado por alturas do *Ultimatum* inglês, com o corpo e a efígie de John Bull servindo de aconchego à forma redonda do recipiente.

Ao contrário de tantos museus e casas-museu dedicados ao espólio de uma única pessoa, o Museu Bordalo Pinheiro

não foi a casa que Bordalo habitou. Apesar disso, instalado na antiga habitação do homem que decidiu dar a ver ao público a obra de um artista polifacetado como poucos, o museu bordaliano acaba por ser um lugar de intimidade, algo proporcionado pela exiguidade do espaço e pela proximidade das obras expostas relativamente ao público. Biblioteca, sala de exposições temporárias e um pátio bem protegido do ruído do trânsito que não cessa de passar lá fora completam o espaço. A Lisboa de Bordalo teria pouco que ver com a cidade que hoje conhecemos, muito mais povoada, com ruas e edifícios que se multiplicaram com o passar das décadas e com os jornais afastados do centro (e muito menos leitores, diga-se). No Campo Grande, entre o abandonado Retiro do Quebra Bilhas que bem podia acolher um personagem como o António das Caldeiradas e um jardim que quase se perde entre tantos carros, continua a poder vislumbrar-se o ar do tempo em que Rafael Bordalo Pinheiro perdia o início dos espetáculos no S. Carlos por não saber resistir a uma boa conversa, em plena rua ou à mesa de uma das muitas casas de pasto que gostava de frequentar.

A CASA DE BORDALO





VENHAM
CÁ VER
O QUE ESTÁ
LÁ FORA

ALUJZ
DE LISBOA

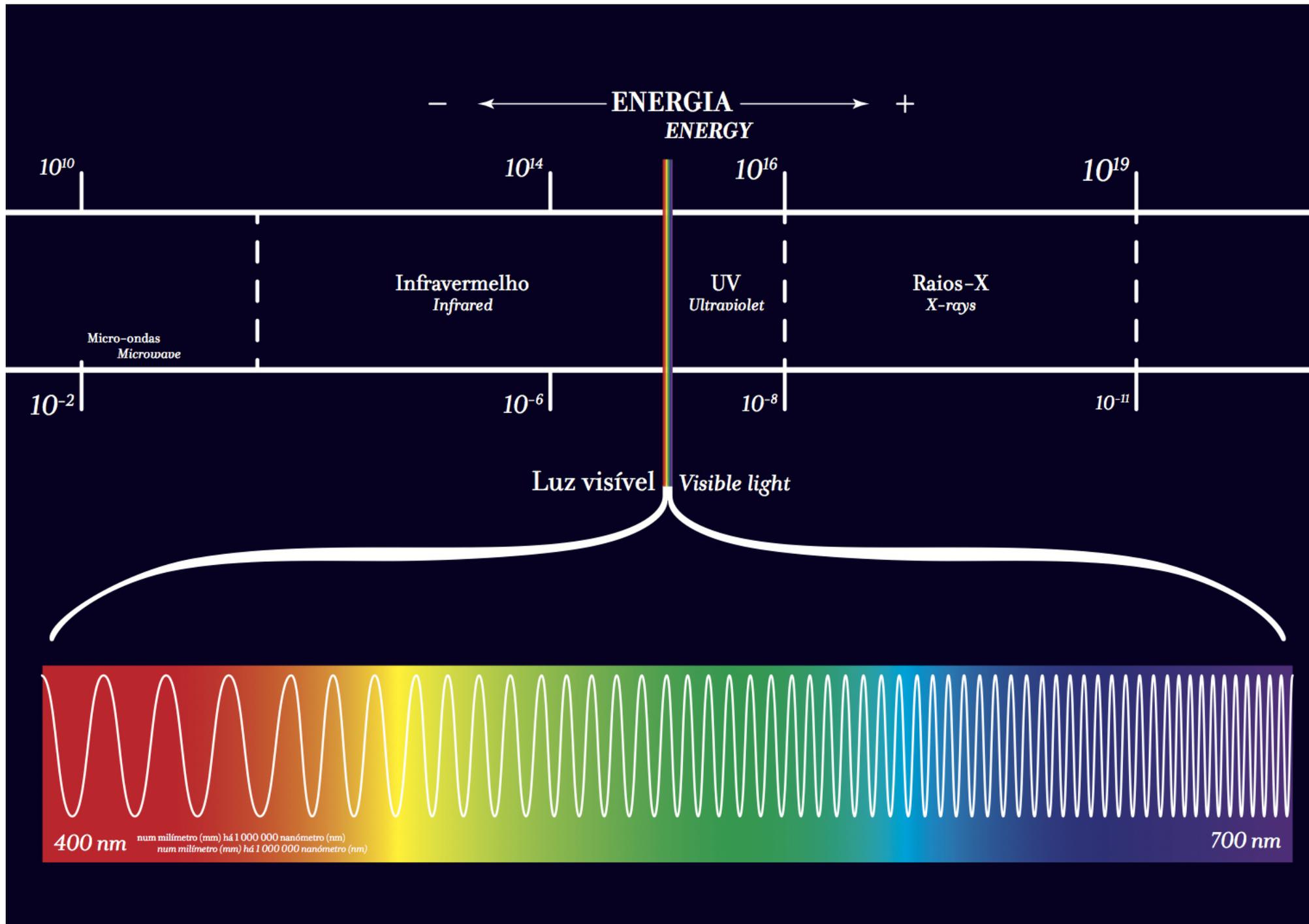
RICARDO
VIEL

A LUZ DE LISBOA

Será um mito coletivo ou há qualquer coisa de especial, única, na luminosidade desta cidade? Foi essa a pergunta que motivou a equipa do Museu de Lisboa (antigo Museu da Cidade), coordenada pela diretora Joana Sousa Moreira, a idealizar uma exposição sobre algo tão pouco concreto e definível como a luz de uma cidade. Patente desde o dia 17 de julho no primeiro andar do Torreão Poente do Terreiro do Paço, a exposição «**A Luz de Lisboa**» não se contenta em mostrar o que foi feito, escrito, dito e cantado por artistas sobre essa personagem tão presente e importante da cidade, mas procura explicações técnicas da sua beleza e intensidade.

Da ideia inicial até que a exposição estivesse aberta ao público foram dois anos de trabalho, conta a diretora do museu. «Quando a ideia surgiu, pensámos que seria interessante fazer não só uma exposição, mas também uma investigação sobre a famosa luz de Lisboa. Ela aparece sempre entre os principais atrativos apontados por quem visita a cidade, nos guias turísticos, e nós queríamos saber as razões disso. Se não se tratava apenas de uma questão emocional, se a luz da cidade é mesmo especial e porquê.»

O primeiro passo foi encontrar quem pudesse comissariar uma exposição tão incomum como essa. Para tanto foram chamadas duas pessoas de trajetórias totalmente distintas: Ana Maria Eiró, professora catedrática de Física da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e com larga experiência em comissariar exposições científicas, e Acácio de Almeida, diretor de fotografia que tem no currículo mais de uma centena de trabalhos cinematográficos com realizadores como Manoel de Oliveira e João



Espectro eletromagnético com referência à luz visível

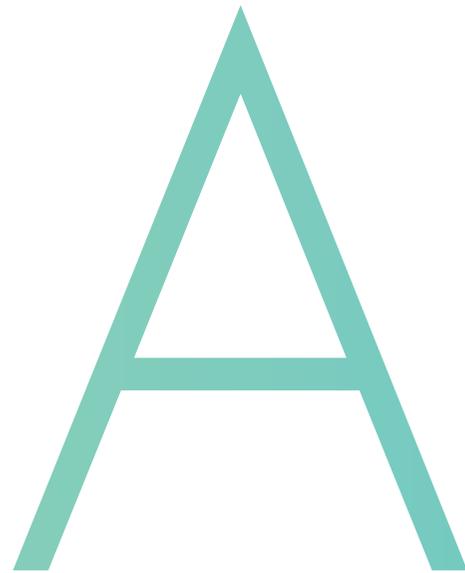


Daniel Blaufuks, *Lisboa, Pessoa, Exílio, Saramago, Prova*, cor cromogénea, 1999-2001, Museu de Lisboa

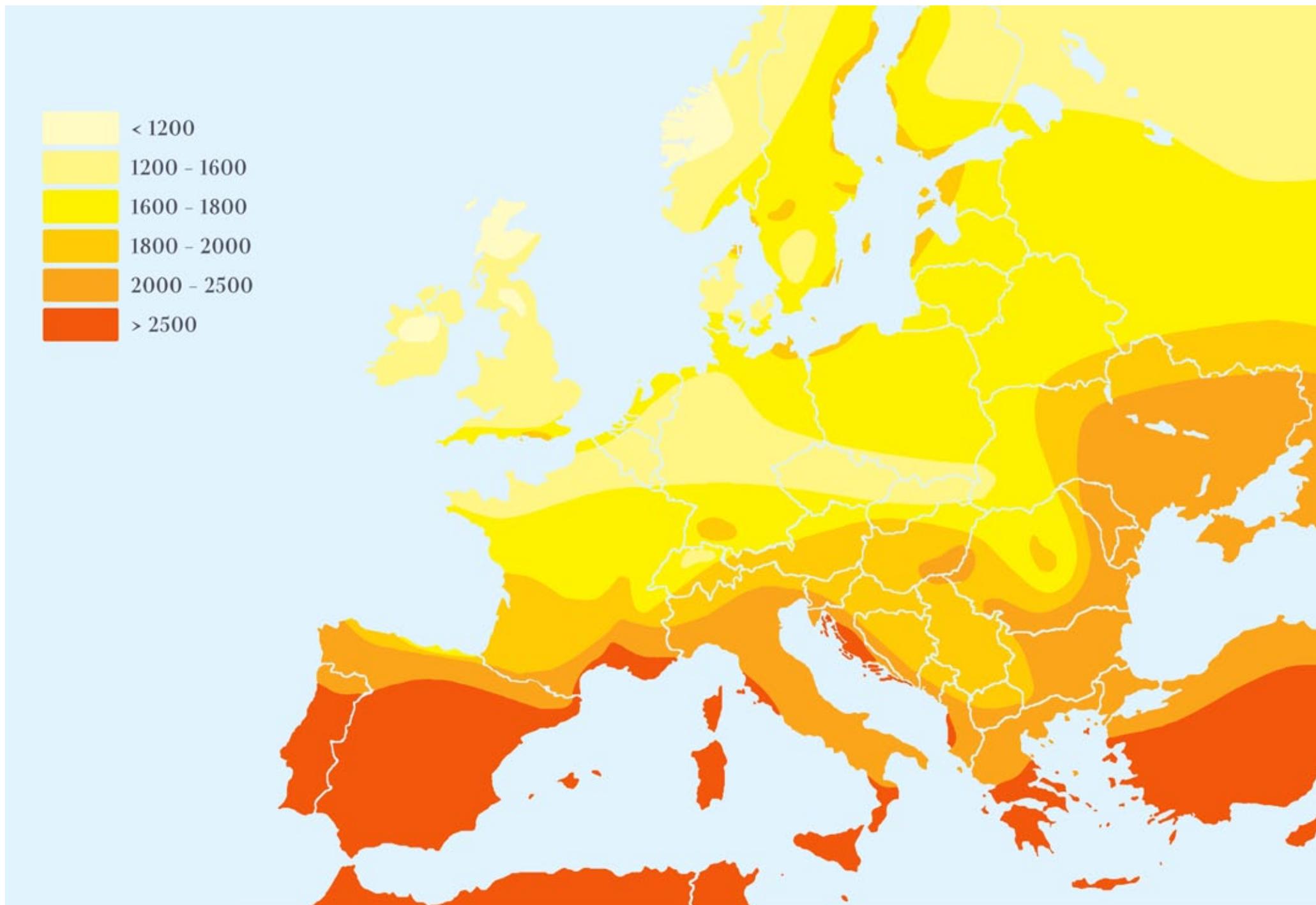
A LUZ DE LISBOA

Botelho. O facto de virem de «mundos» bastantes diferentes foi essencial para que a parte «artística e visual» estivesse acompanhada de uma secção mais científica (com explicações físicas, geográficas e meteorológicas). «As conversas entre eles eram sempre muito interessantes, aprendi imenso», recorda Joana Moreira.

Além das peças e vídeos criados especificamente para esse projeto, a exposição conta com um interessante acervo de filmes, fotografias e pinturas que ajudam a alimentar o imaginário sobre a luz de Lisboa.



inda na escada que dá acesso ao edifício o visitante é recebido com a projeção de um breve vídeo feito com um drone que simula o sobrevoo de uma gaivota pela cidade das sete colinas. À entrada, outros filmes, gravados com uma câmara fixa e em velocidade acelerada, mostram como em vários pontos de Lisboa a paisagem se vai alterando ao longo do dia conforme passam as horas. Em outras salas o visitante pode assistir a duas curta-metragens e um documentário, além de excertos de filmes (alguns bastante conhecidos) que têm como protagonista a famosa luz de Lisboa. Há também uma secção dedicada à publicidade que mostra como não só em Portugal, mas em muitos países, a paisagem iluminada da cidade é usada constantemente para passar uma imagem de felicidade que ajuda a vender produtos. Em todas as salas o leitor verá, escritos nas paredes, poemas que fazem referência à luminosidade da capital, como «Se fosse Deus para o Sol sobre Lisboa» (Fernando Assis



Total anual de horas de Sol descoberto na Europa



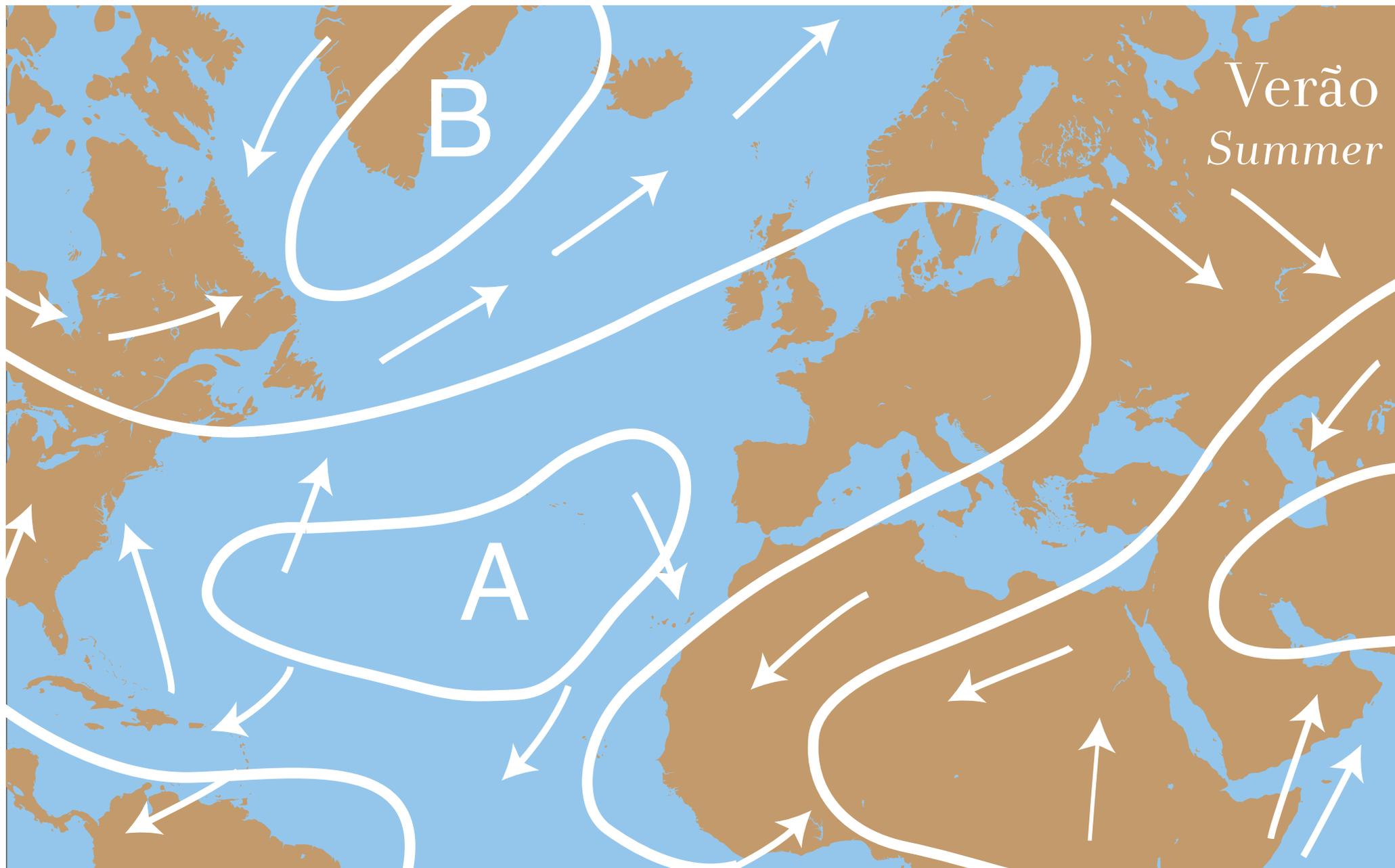
Carlos Botelho, *Ramalhete de Lisboa*, Óleo s/ madeira, 1935, Museu de Lisboa

A LUZ DE LISBOA

Pacheco) ou «Não há para mim flores como, sob o sol, o colorido variadíssimo de Lisboa» (Bernardo Soares/Fernando Pessoa). Também estão presentes canções, interpretadas por nomes de peso como Camané e Carlos do Carmo, que servem como banda sonora durante o trajeto.

No final, o visitante verá que a pergunta que deu origem à exposição tem resposta. Sim, a luz de Lisboa é mesmo especial e não há uma, senão várias, explicações para isso. A topografia da cidade, com as suas colinas e vales e um largo rio que serve de espelho, cria uma espécie de concha ou anfiteatro que concentra e potencializa a luminosidade na zona central. O material (e as cores) usado nas construções e o empedrado da calçada portuguesa têm também importante papel na criação desse efeito de brilho. O vento constante cumpre a função de «limpar» o céu das nuvens e da poluição, deixando-o quase sempre azul. A isso junta-se o facto de Lisboa ser, segundo estudos, a capital mais ensolarada da Europa – onde há mais horas de sol por ano. Isso explica, em parte, o porquê de tantos artistas terem cantado, pintado, escrito, fotografado e filmado essa famosa luz.

Embora analise o fenómeno de mais de um ponto de vista (técnicas e metafísicas), e faça uma recolha plural de trabalhos artísticos sobre o assunto, o mais interessante dessa exposição, sem dúvida, está lá fora. É a vista. De algumas das imensas janelas do torreão vê-se a Praça do Comércio, com



Legenda

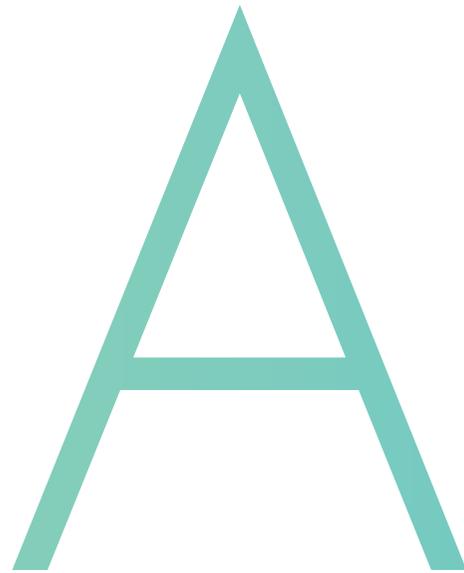


Nuno Cera, *Terra (Tejo #1)*, Impressão lâmbeda/Dibond, Edição 2/3 + 1 PA, 2008

A LUZ DE LISBOA

o Castelo de São Jorge ao fundo. De outras, a paisagem é Tejo, com os seus barcos em constante vai-vém, e ao fundo a Ponte 25 de abril.

Diariamente, mais de uma centena de pessoas percorrem os 400 m² do espaço, debruçam-se às janelas, escutam poemas e canções, observam quadros, fotografias e até anúncios publicitários, tudo para tentar perceber porque é tão belo o que há lá fora.



conteceu com as pessoas que trabalham neste projeto e espero que aconteça com quem venha visitar a exposição. Eu agora vejo a luz de Lisboa com mais atenção e gosto ainda mais», diz a diretora do Museu de Lisboa. A ambição de quem concebeu a exposição é a de fazer com que essa mudança também afete o olhar dos visitantes, que as pessoas ao saírem dali passem a ver a cidade de outra maneira.

Até 18 de dezembro a **Luz de Lisboa** estará à mostra no coração da cidade. Há um argumento potente e irrefutável para convencer qualquer um a ver essa exposição: ela, diferentemente da maioria das exposições, não pode ser levada para outro sítio ou replicada. Foi pensada para ocupar o espaço onde está, aproveitando a arquitetura e a vista ao redor e, principalmente, a luz que invade o lugar. Como será num dia nublado? Não se sabe. Desde o dia em que a exposição foi inaugurada a personagem principal nunca faltou.

EXPLOITATION

MADE IN

PORTUGAL

JOÃO
MONTEIRO

PARTE 2

Entre finais de 60 e inícios de 70, a hegemonia norte-americana na distribuição dos seus filmes na Europa, mercê do Plano Marshall, foi posta em causa por um movimento cinematográfico conhecido atualmente como «Eurocult», que define a vaga de filmes *exploitation* europeia, oriundos principalmente do eixo Itália-França-Espanha. Há muitos livros e documentários dedicados a este fenómeno e à sua influência no cinema contemporâneo, principalmente no norte-americano. Este é um dos casos em que Portugal não foi um país neutro, teve também uma breve mas singular vaga de filmes *exploitation*, em coproduções ou mesmo em produções 100% *made in Portugal*.

«Lusexploitation»

Depois de na primeira parte deste texto, publicado na edição de julho da *Blimunda*, termos observado como o cinema português não deixou passar incólume a febre dos filmes de espionagem, vamos agora espreitar o que foi feito no campo de outros sub-géneros. Começamos pelo exemplo mais secreto de todos. Trata-se de *A Caçada do Malhadeiro* produzido em 1967 que marca a estreia do «Tenente-Coronel» Quirino Simões. Trata-se de um ex-oficial da Força Aérea que se destacou inicialmente por curtas-metragens documentais produzidos pelo exército, onde se destaca *Angola na Guerra e no Progresso*, um documentário propaganda do Estado Novo que associou o realizador para sempre ao regime de Salazar. Este currículo em conjunto com o material que adapta – um conto homónimo do Conde de Ficalho, Francisco Manuel de Melo Breyner (1837-1903), fundador do Jardim Botânico, amigo de Eça de Queiroz e membro do grupo dos «Vencidos da Vida» – tornam este objeto num corpo muito estranho. Relata-nos um episódio que decorre durante a retirada das tropas de Massena entre 1808 e 1810.

Um grupo de soldados franceses assalta a casa de um malhadeiro e violam-lhe a filha. Este, na companhia do filho e de uma espingarda, «caça-os» um a um. Pouco mais há a dizer sobre a trama do filme que se resume à concretização da vingança do malhadeiro. Ressalta, no entanto, um subtexto patriótico resumido nas notas de produção do filme: «tem por tema a reação dos portugueses à violação dos seus direitos, dos seus usos, da sua terra ou da sua família.»

Trata-se de um *exploitation* feito por portugueses e para portugueses, sem nunca a tal ter almejado. A melhor maneira de o descrever, passados 48 anos depois da sua estreia, seria classificá-lo como um *rape-and-revenge* lusitano passado durante as Invasões Francesas, definição que julgo bastar para o tornar num caso totalmente à parte. Mas há mais fatores que o diferenciam dos outros títulos *exploitation*, como por exemplo os de António Vilar. Os soldados franceses, todos interpretados por portugueses, falam em francês, coexistindo com o português, ou seja, nunca foi feito a pensar no mercado externo; a presença no elenco do Vítor Gomes, líder dos «Gatos Negros», o conjunto mais popular da época, pressunha uma tentativa de chamar o público mais jovem, mas, ao contrário do que seria normal, Simões optou por dar a Gomes o papel de um dos franceses caçados e não do filho do

malhadeiro, papel esse que coube a Rui Mendes; a banda-som composta por guitarras acústicas e a lentidão de alguns planos dos soldados franceses a caminharem pela Serra do Buçaco, onde os exteriores foram filmados para acrescentar realismo à representação histórica. *A Caçada do Malhadeiro* foi o único filme português ambientado durante as invasões napoleónicas até *As Linhas de Wellington*, de 2012.

Mas, passados estes anos todos, aquilo que se destaca mais no filme é uma empatia estética, através do uso da película Eastmancolor, a fotografia oficial do *exploitation* europeu, e ética, com a sua exposição ímpar de violência cinematográfica. O grafismo ousado da cena da violação assim como algumas mortes filmadas à *western* (em particular o soldado morto à machadada) fizeram com que o filme tivesse alguns problemas com a censura que o classificou para M/17. Solicitaram ainda alguns cortes que acabaram por não se concretizar e o filme estreou na íntegra. Este episódio com a censura aproxima curiosamente este cineasta «do regime» dos outros modernos como aqueles produzidos por Cunha Telles, os do cinema novo. Em entrevista, Quirino Simões cita como influência Antonioni e Resnais, cujo cinema é muito difícil de detetar em *A Caçada do Malhadeiro* e lamenta essencialmente a inexistência de um produtor que ajudasse a superar as difi-

culdades técnicas com que se depararam durante a rodagem que durou 20 dias. É preciso ter em conta que este cineasta autodidata, produziu, adaptou, realizou e montou o filme sozinho. Um autor, portanto.

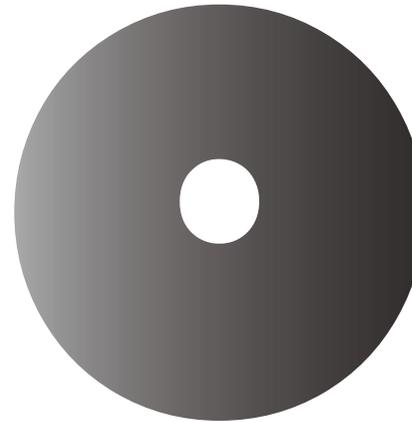
Lisboa Imaginária

Regressemos ao universo das coproduções desta vez pela mão de um dos atores de *Fim de Semana com a Morte*, Américo Coimbra, que começou a carreira em *As Pupilas do Senhor Reitor*, terminando-a a filmar com Jesus Franco. Coimbra, talvez inspirado por Vilar, foi a Madrid com António Lopes Ribeiro procurar parceiros para rodar um filme. Leram vários guiões e, entre estes, uma sinopse de nome *Desdémona*, de um jovem realizador espanhol chamado Rafael Alba Moreno. Convencem o produtor Victor Zapata, especializado em *western spaghetti*, a coproduzir um filme inicialmente intitulado *Sinfonia para um Homicida* que teria como protagonista a grande diva do teatro espanhol, Nuria Espert. A inclusão desta atriz condicionou o tom do filme que resvalaria mais para o

melodrama para aproveitar as potencialidades dramáticas da atriz. Com o título final de *Crime de Amor* (em castelhano *Triangulo*), Américo Coimbra consegue uma aproximação bastante diferente da de Vilar, apontando no sentido do terror psicológico, sacrificando completamente a tendência para sequências de ação. Este filme é o mais negro da *exploitation made in Portugal*.

Crime de Amor apresenta-nos um casal da alta sociedade, Nuria Espert e Américo Coimbra, que padecem de doenças contemporâneas. Ele, de um esgotamento nervoso, que no filme é classificado como a «doença do empresário». Ela, pior ainda, da «doença do século: o aborrecimento». Ele passa o dia a trabalhar e não tem tempo nenhum para a esposa, que entretanto se vai entretendo com amigos *hipsters* numa Lisboa imaginária. O marido começa a imaginar cenários de traição, que acabam mesmo por se concretizar quando ela cai nos braços de um *playboy* desportista. A «doença do empresário» provoca a perda da razão do personagem que Américo Coimbra desempenha bastante bem, diga-se, e empurra-o para um crime passional. Surpreende o casal num iate ao largo do Tejo, degola o amante e prende a esposa numa mansão gótica decorada com fotos do adultério, tendo apenas por companhia um pássaro numa gaiola. Estamos a milhas da fórmula Vilar, ou

seja, narrativas restringidas às classes mais altas e a personagens cujo principal pré-requisito é o grau de cabotinismo do ator. A personagem de Coimbra é uma alma torturada, uma vítima do estilo de vida moderno que se impôs no pós-guerra; e a sua esposa passeia-se por ambientes distintos da sua existência quotidiana, desce à realidade numa representação de uma Alfama *hippy* onde impera a lei do amor livre. Nos filmes de Vilar nada desce abaixo da classe média-alta.



filme estreou simultaneamente em Lisboa e Madrid e passou ao lado da crítica e do público. Lauro António questionou mesmo se a coprodução não seria o fim do filme «genuinamente nacional» apesar de o considerar «um produto até certo ponto inteligente e intencional». Américo Coimbra acredita no oposto: só a coprodução com países de cinematografias fortes pode permitir que o cinema português possa ser exportado. Congratula-se pela criação do Centro Português do Cinema patrocinado pela Gulbenkian (apesar dos seus membros lhe desejarem a morte) que possa permitir a con-



a caçada do malhadeiro

Um filme de Quirino Simões

adaptação dum conto do CONDE de FICALHO

produção TOBIS PORTUGUESA



com fernando gusmão carmen mendes

EASTMANCOLOR

M/17 ANOS

rui ana mário sêrgio baptista cunha victor mendes leiria jacques farkas fernandes marques gomes



A Caçada do Malhadeiro

tinuidade de uma produção cinematográfica constante. Esta mentalidade advém do sistema que vigorava em Espanha, o produtor Victor Zapata ganhava dinheiro em filmes *exploitation* que investia na produção de filmes como *Tristana*, de Buñuel. Para fazer justiça ao esforço de Américo Coimbra, convém deixar registado que *Crime de Amor* é sem dúvida o melhor *exploitation* português em regime de coprodução.

Roleta Paulista

Bach, uma das poucas coisas boas que restam da vida.

A outra é ver como o homo sapiens se destrói a si mesmo.

Sinal Vermelho

E finalmente o *opus magnum* de António Vilar. Depois dos *flops* comerciais de *Fim de Semana com a Morte* e a comédia romântica *Os Sete Avisos de Satanás*, o galã lança-se na sua última tentativa de se impor no mercado nacional. Para tal, traz um colaborador com bastante experiência na área, nada mais nada menos que Paul Naschy, pseudónimo do madrilenho Jacinto Molina. Conhecido no universo cinéfilo como o «Lon Chaney

espanhol» por ter sido o primeiro ator no mundo a interpretar todos os monstros clássicos; também se desdobrava na realização, produção e escrita de argumentos. Juntos, escreveram um guião que nas palavras do ator português «é interessante, como divulgação de problemas que hoje envolvem a juventude, como o problema da droga, um perigo para a sociedade atual.» António Vilar é Henrique, um jornalista regressado do Vietname, e posto a investigar a história da morte de um jovem rico. Este trabalho fá-lo mergulhar no submundo da toxicod dependência no *jet-set* lisboeta. Molina é o cabecilha da organização que opera no tráfico de estupefacientes causador de muitas mortes entre a juventude, principalmente em correrias automobilísticas durante a madrugada. Daí o título *Sinal Vermelho*, estreado em 1972.

As corridas de carros no início do filme, com modelos miniatura para os despistes e explosões; o jovem intoxicado que joga na roleta os salários dos trabalhadores da empresa do pai; o *dealer* filósofo amante de Bach; e principalmente a sequência da «sala de chuto», que Henrique descobre durante um baile de máscaras – a sequência antológica dos *exploitations* de Vilar – jovens mulheres nuas deambulam como *zombies* com os corpos cheios de feridas provocadas por queimaduras de cigarro. Tudo isto já se encontra na campanha de promoção do

filme: «Luxo, corrupção, libertinagem, vício – eis os axiomas de um mundo em decadência tratado com mestria pelo *Sinal Vermelho*», que mais parece um filme propaganda anti-droga institucional. *Disco Rojo*, título em castelhano, desapareceu do mapa cinematográfico ibérico, sendo apenas conhecido entre o universo dos fãs norte-americanos de Naschy como uma das raridades da extensa obra do espanhol. Termina assim a breve aventura lusitana pelos meandros da *exploitation*.

Curiosamente, existem atores recorrentes nestes filmes. Para além dos já citados António Vilar e Américo Coimbra, podemos apontar outros nomes como Baptista Fernandes com 3 títulos na filmografia ou Mário Jacques com 2. Mas o ator mais representativo da *exploitation* nacional é um ator de teatro francês desconhecido chamado Serge Farkas. Podemos vê-lo em *A Caçada do Malhadeiro*, *Operação Dinamite*, *7 Balas para Selma* e *Crime de Amor*. Terá passado por Portugal com uma peça, apaixonou-se por uma portuguesa, casou, participou nestes filmes todos, separou-se e desapareceu. Em França terá filmado com Jean Gabin, Charles Aznavour e René Clement. Em Portugal acrescentam-se à lista *Domingo à Tarde*, de António de Macedo, e *Crime de Aldeia Velha*, de Manuel Guimarães.

Exploitation estrangeira em Portugal

Tal como Naschy, também os outros dois pais do género em Espanha, Jesus Franco e Amando de Ossorio, filmaram em Portugal no auge das suas carreiras. Franco foi o responsável pela infame adaptação das cartas de Mariana Alcoforado em versão *Nunsplotation*. Trata-se de uma variante surgida em Itália, devido ao sucesso internacional de *The Exorcist*, que deu origem a uma série de títulos acerca de possessões demoníacas e filmes eróticos envolvendo freiras. *Cartas de Amor de uma Freira Portuguesa* é Franco *vintage*; nele conseguiu convencer um grupo de atores portugueses já consagrados como José Viana, Nicolau Breyner, Vítor Mendes (pai do humorista Fernando Mendes) e outros estreantes como Ana Zanatti, Herman José e Vítor de Sousa, todos convictos de que este era o primeiro passo de uma carreira cinematográfica no estrangeiro. Mais, conseguiu autorização para o filmar em monumentos nacionais como o Mosteiro dos Jerónimos ou o Paço Real de Sintra. Em entrevista, Fran-

co dá conta desta experiência: «Se Portugal se encontra ainda sob uma ditadura, ao pé de Espanha, parece uma verdadeira democracia! Mesmo quando rodávamos em exteriores com os atores nus, a polícia ajudava-nos, bloqueava ruas, etc. Em Espanha, tínhamos de nos esconder para rodar as cenas eróticas.»

Franco tinha uma série de truques para levar a sua avante. Tinha por hábito rodar as cenas eróticas com duplos de corpo que eram inseridas posteriormente, por isso os atores só descobriam o teor do filme depois de o verem no grande ecrã. Outra constante da sua obra era a forma como inventava atrizes, como a jovem Ana Vieira que o realizador apelidou de «Susan Hemingway» e que participaria em mais filmes do espanhol até desaparecer sem deixar rasto. Claro que em Portugal o filme estreia com rótulo de pornografia, e os *media* atacam em particular Ana Zanatti, a atriz que mais se expõe no filme. Zanatti ponderou processar Franco por não se ter reconhecido nas cenas de nu, enxertadas em Espanha com outras mulheres. O filme foi rodado em 1975 mas só foi estreado em 1977, numa época em que os jornais em Portugal ocupavam as primeiras páginas com parangonas como «Porno filmado nos Jerónimos». As facilidades encontradas em Portugal fizeram com que Franco voltasse mais vezes para filmar.

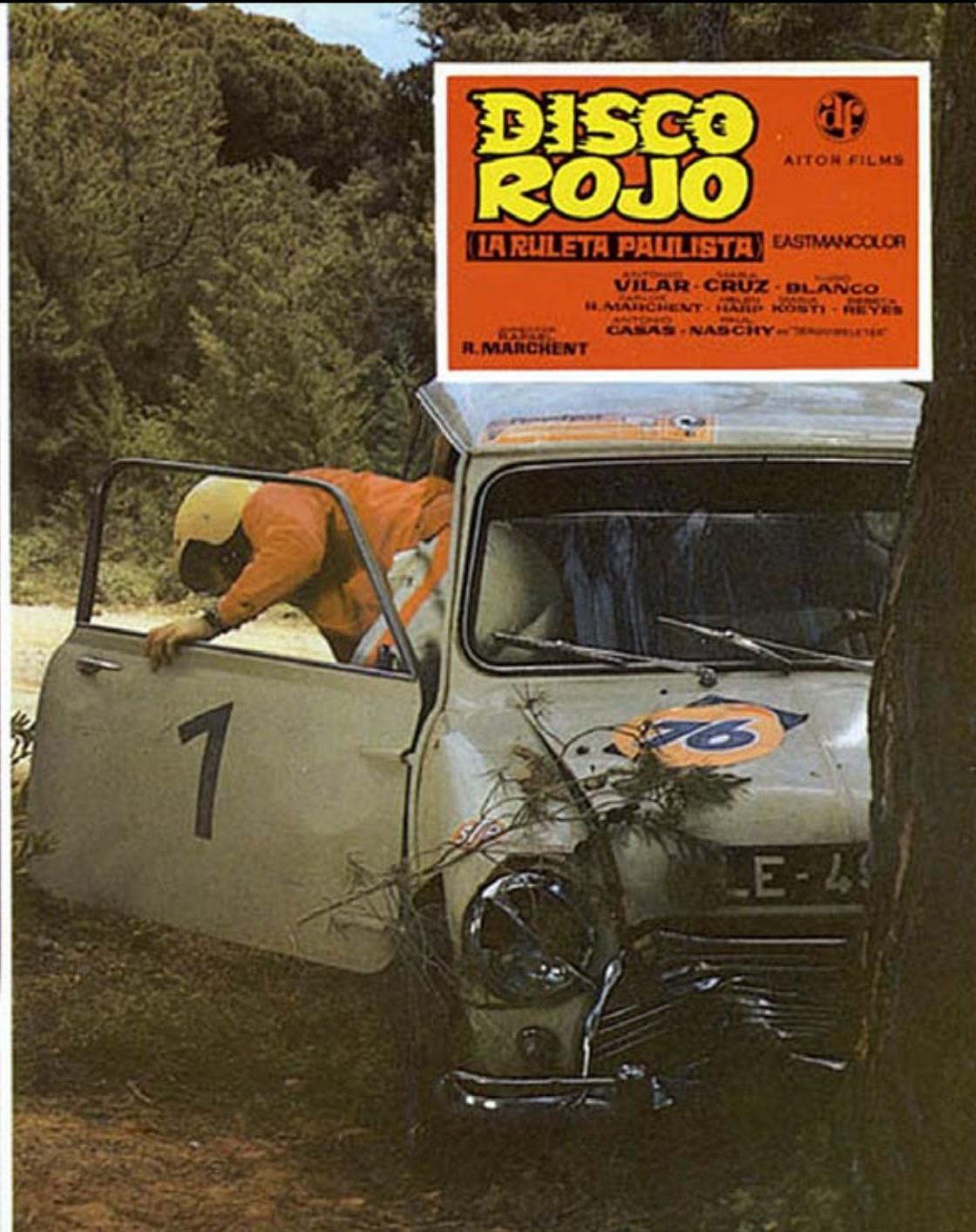
Já Amando de Ossorio filmou em Portugal o filme que o eternizaria, *La Noche del Terror Ciego* (1971), primeiro tomo da saga dos *zombies* templários. Misturando a história medieval ibérica com as novas tendências do terror - três anos antes havia estreado *Night of the Living Dead* - Ossório criou uma saga original que apelou ao público espanhol mas sobretudo ao norte-americano, onde o cinema exploitation espanhol mais singrou. Numa entrevista de carreira, Ossorio esclarece: «Na realidade não era uma coprodução, era mais uma necessidade. No filme surge creditado Victor da Costa, grande realizador de curtas publicitárias, mas a única coisa que os portugueses puseram foi o câmara, o segundo câmara e talvez os transportes. Se constasse como coprodução, não nos iam proibir o filme.»

R

esta uma das mais bizarras histórias de cinema passadas em Portugal, essencialmente devido aos protagonistas envolvidos. Raúl Ruiz, cineasta chileno, resolve fazer um filme *exploitation* sobre o caso verídico de canibalismo ocorrido no Chile. Convence o



Crime de Amor



DISCO ROJO
LA RULETA PAULISTA
EASTMANCOLOR
DIRECCION: R. MARCHENT
ACTORES: VILAR - CRUZ - BLANCO
MUSICA: H. MARCHENT - HANS KOSTI - REYES
MONTAJE: CASAS - NASCHY

Sinal Vermelho

rei da *exploitation*, Roger Corman, a procurar financiamento para o projeto. Este aceita simplesmente por desconhecer por completo a reputação de autor que Ruiz tinha no Chile e em França. Corman exigiu um filme muito sangrento mas Ruiz tinha em mente inventar um novo sub-género: *philosophical exploitation*. Enquanto na América se procurava dinheiro, Ruiz e o produtor Pierre Cottrell vieram para Portugal filmar em Sintra com a ajuda de Paulo Branco o projeto denominado *O Território*, no dealbar da década de 80. Quando percebeu quem era Ruiz, Corman recuou e o filme começou a depender dos restos de película que Manoel de Oliveira não utilizava em Francisca. Quando a produção estava prestes a ser cancelada, aparece em Sintra de férias Wim Wenders que descobre o diretor de fotografia de Jean Cocteau, Henri Alekan, na equipa de Ruiz. Promete ajudar a terminar *O Território* se em troca puder de imediato realizar um filme improvisado sobre uma equipa de filmagens pendurada em Portugal à espera de notícias do produtor americano. Este filme chamar-se-ia *O Estado das Coisas*, um diário acerca das dificuldades em realizar filmes *exploitation*, e venceria o prémio de melhor filme no festival de Veneza, incluindo no final um *cameo* de Roger Corman.

Conclusão



difícil auferir que legado deixaram estes filmes de que poucos se lembram e sobre os quais pouco ou nada foi escrito. Portugal tem, de facto, um cinema único com cineastas muito apreciados nos círculos cinéfilos e festivais de autor, mas que possui uma relação totalmente inexistente com o público português.

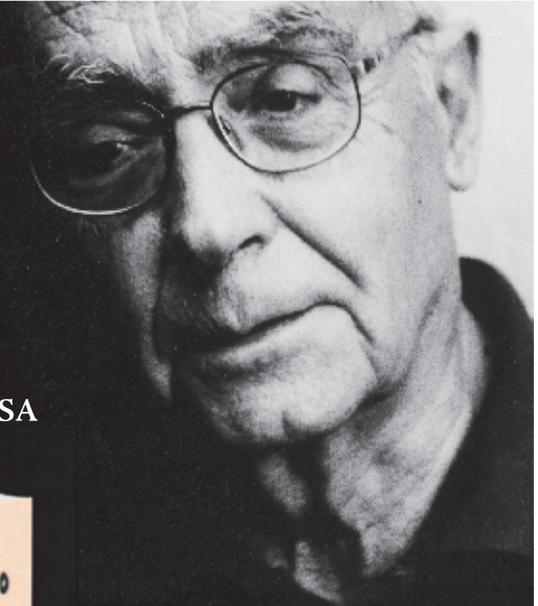
Se calhar podemos ir por esse caminho para perceber se houve ou não um seguimento dos esforços de Vilar e Coimbra. Basta pensar no filme que mais espectadores fez na história do cinema português, *O Crime do Padre Amaro*, de Carlos Cordeiro da Silva, que apresenta o clássico de Eça numa versão *sexploitation*. O seu produtor Alexandre Valente tem marcado os seus projetos por uma evidente estratégia de exploração do potencial mediático das vedetas televisivas envolvidas, colocando-as principalmente a desempenharem cenas sexualmente ousadas. Outro caso é o de Nicolau Breyner que, como realizador, tem assinado títulos que se pautam por uma tentativa de emular o modelo norte-americano e criar filmes

que possam ser vendidos noutros mercados, como foram os casos de *Contrato* ou *Teia de Gelo*. Podemos encontrar esta tendência também nos filmes de Fernando Fragata e até nalguns de Leonel Vieira.

Todos estes cineastas encontram-se no espectro oposto do cinema de autor preconizado por Pedro Costa ou Miguel Gomes, mas por outro lado têm uma relação com o público muito mais eficaz num sentido industrial de produção cinematográfica. Em Espanha existe uma indústria porque os seus intervenientes souberam juntar estes dois mundos em vez de os antagonizar. É verdade que Portugal não tem sequer dimensão geográfica para albergar um conceito de produção cinematográfica como em Espanha, mas a lição

espanhola é, no entanto, importante. A Espanha prosperou porque os Victor Zapatas tanto produziam Buñuel como Américo Coimbra, por exemplo, e isso é óbvio quando olhamos para Itália, que através da sua *exploitation* moldou o cinema norte-americano que hoje vemos, sobretudo através de Tarantino. Mas com o fim do seu império de produção, e as mudanças sociais internas, a Itália quase perdeu o seu cinema por completo, deixando hoje de ter a relevância que teve nos anos 60 e 70. Os italianos, assim como os portugueses, olham para este cinema hoje em dia com vergonha e ironia, como fez Nanni Moretti em *O Caimão*, usando-o para metaforizar as promessas de Berlusconi. A verdade é que estes filmes «maus» também servem para fazer a história de um país, ou melhor, de uma ideia de país. Se as cópias forem um dia restauradas e repostas em algum ecrã, estas e muitas outras histórias talvez venham ao de cima e se possa rescrever a história do cinema português visto a partir do século XXI.

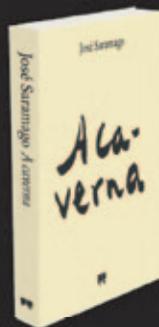
JOSÉ SARAMAGO



CALIGRAFIA DE CADA CAPA POR PERSONALIDADES DA CULTURA PORTUGUESA



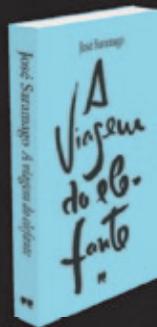
José Mattoso



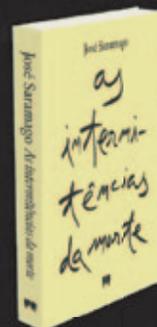
Eduardo Lourenço



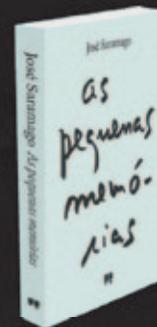
Armando
Baptista-Bastos



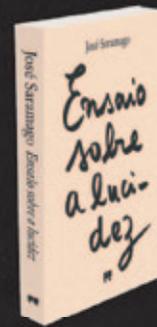
Mário de Carvalho



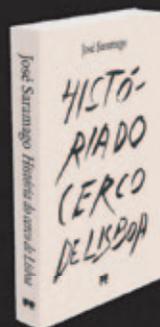
Valter Hugo
Mãe



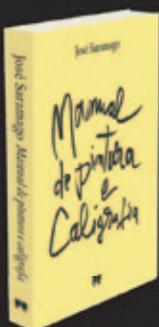
Gonçalo M.
Tavares



Dulce Maria
Cardoso



Álvaro Siza
Vieira



Júlio Pomar



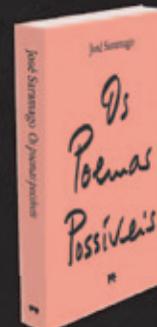
Lídia Jorge



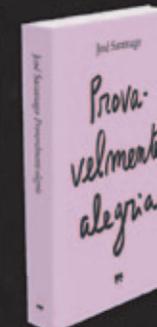
Mía Couto



Maria do Céu
Guerra



Almeida Faria



Nuno Júdice

gerador

A PICAR O CÉREBRO PARA SEMPRE

O Gerador é uma plataforma de acção e comunicação para a cultura portuguesa. Aquela que nos define como portugueses. Descobre-nos através da Revista Gerador, nas bancas de todo o país, ou em facebook.com/acgerador

Gerador.
É a cultura portuguesa.



GUERRA

ANDREIA BRITES

FUGGA

E RECO-

A EXPERIÊNCIA DA LITERATURA

MEÇO

Míssil

*Dentro de minutos,
com estrondo,
vai cair.*

*Quantos meninos
neste instante
ainda estão a rir?"*



leitura, é sabido, alarga o conhecimento do mundo, oferece experiências por interposta palavra, promove o questionamento, o juízo de valor, a emoção. Um dos princípios fundadores do literário, e que o distingue do não literário é precisamente esse poder imagético, figurado, metafórico e metonímico que ultrapassa os limites da informação e da veracidade. O literário despoleta um sentido estético, ético e emocional que dependem de mecanismos próprios da relação individual de leitura, nomeadamente a identificação, a repulsa ou a compaixão que o leitor pode sentir no diálogo com uma personagem ou um contexto.

A crise humanitária que agora se vive no mediterrâneo e sempre existiu noutras geografias do globo, chega através dos media que relatam, com maior ou menor rigor as situações e experiências dos refugiados, bem como as tomadas de posição dos vários agentes políticos europeus.

Não há em Portugal uma tradição literária centrada na guerra. Veja-se a reduzida edição de narrativas sobre a Guer-

ra Colonial. Não é por isso de espantar que, no universo do livro de potencial receção infantil e juvenil escasseie a temática da guerra ou da emigração, ao contrário do que se passa, por exemplo em Espanha, onde a Guerra Civil é assunto recorrente não apenas na literatura para adultos mas igualmente na literatura juvenil.

Todavia, é possível traçar um contexto a partir do qual as crianças leitoras acedam a uma realidade complexa, dolorosa e injusta, através de um conjunto de títulos que se encontram nos catálogos de algumas das principais editoras portuguesas. Sejam narrativas, poesia ou livros sem texto, todos eles têm em comum uma abordagem artística e literária que foge ao sentido único e abre a leitura para um processo de proximidade. Sem ele, caminha-se para a desumanização.

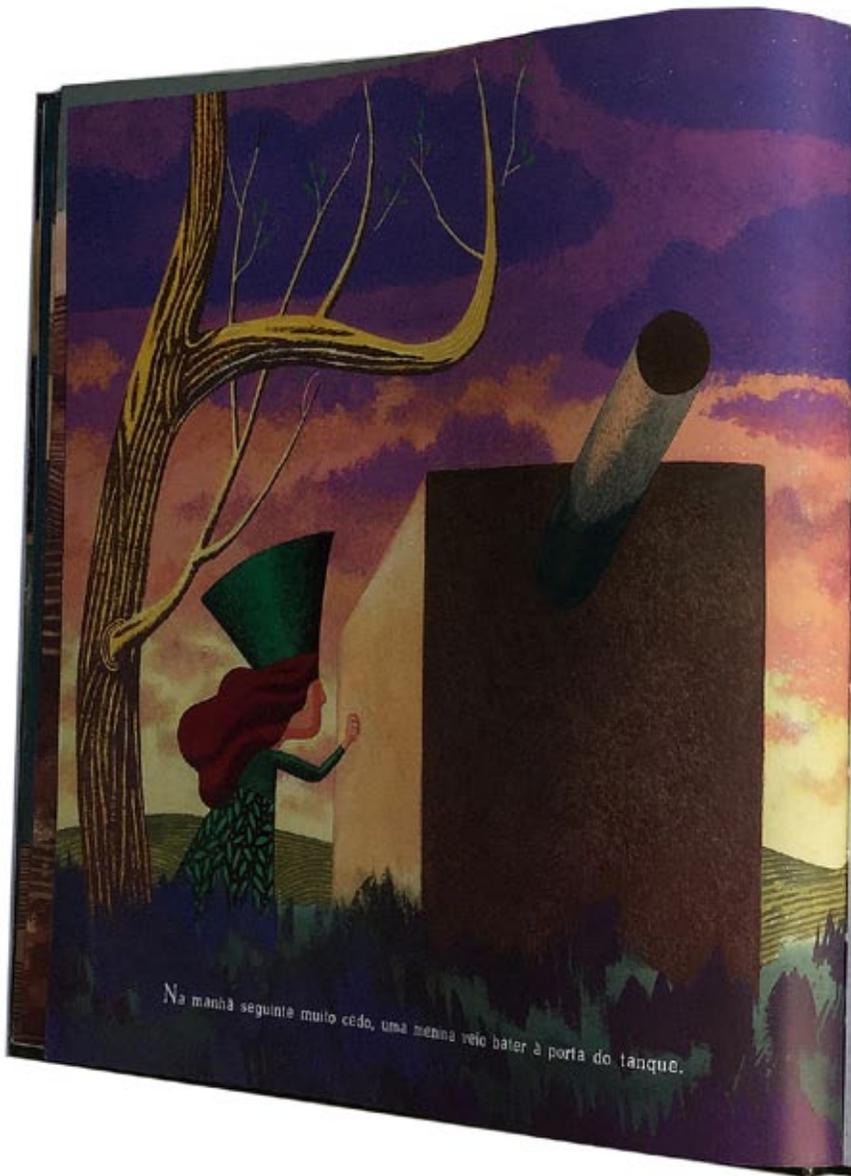
A guerra

A Máquina Infernal, de Alain Corbel, completa este ano uma década desde a sua primeira edição, pela Caminho. Explora os efeitos de destruição da guerra e de forma ainda mais assertiva o seu potencial incontável, algo que passa muitas vezes em branco. Um menino, que recebe um presente, vê na caixa que o guarda um possível tanque de guerra. Apressa-se a juntar-lhe

**A sua primeira proeza foi bombardear o cãozinho.
A guerra tinha começado!**

A Máquina Infernal
Alain Corbel

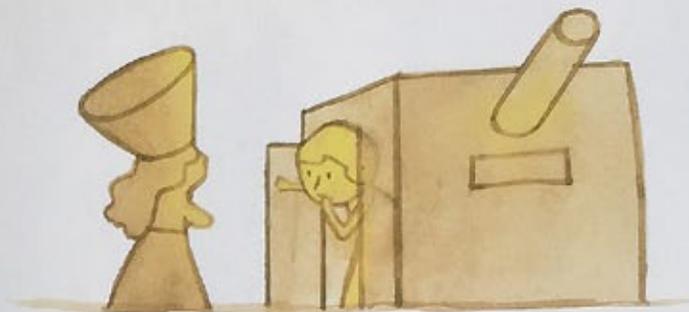




Na manhã seguinte muito cedo, uma menina veio bater à porta do tanque.

**Na manhã seguinte muito cedo,
uma menina veio bater à porta do tanque.**

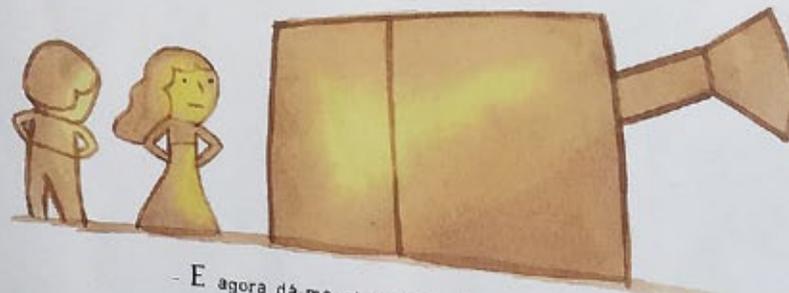
A Máquina Infernal
Alain Corbel



- Que é que estás a fazer aqui? - perguntou ela.
- Quis bombardear um bocadinho e o tanque ganhou embalagem - respondeu o Tim.



- Um tanque? Qual tanque? Não vejo tanque nenhum - disse a menina. - Só vejo um regador, olha.
- Um regador? - espantou-se o Tim.



- E agora dá-me cá uma ajudinha - disse ela.

um canhão e abrir uma pequena janela. A partir daí compraz-se em destruir, primeiro apenas pela motivação de ver o efeito da sua destruição, em seguida escolhendo estrategicamente aquilo de que não gosta. E é precisamente neste momento que se dá a viragem na ação e o menino não consegue controlar o tanque que, destruindo a escola como era seu desejo, destrói igualmente o cinema e a loja de rebuçados. O menino é salvo por uma menina que na caixa vê um regador e não um tanque e que lhe propõe uma reconstrução. A parábola respeita diversos elementos e conjuga-os com a subtileza necessária para que os subtextos vão despertando ao longo da leitura. Em primeiro lugar, Corbel opta por um contexto lúdico: o das construções e adaptações de objetos do quotidiano pelas crianças, para as suas brincadeiras. Está, logo de início, criada a identificação entre o protagonista e o leitor. Em seguida, a escolha cirúrgica dos primeiros alvos – o cão e os pais – denota uma total insensibilidade, crueldade e indiferença provocada pelo poder de destruir. Finalmente, a mensagem que fecha o álbum do ponto de vista narrativo mostra uma alternativa, não apenas na ação mas essencialmente na forma de ver o mundo.



ue Luz Estarias a Ler? nasceu de uma imagem da guerra. A ilustradora Ana Biscaia criou um conjunto de imagens duras, ruidosas, desalinhadas em consequência da imagem de uma menina que recolhe livros nos escombros de uma escola, na Palestina. A imagem, como muitas outras, circulou massivamente nas redes sociais, cristalizando-se. Às ilustrações juntou-se o texto de João Pedro Mésseder que particulariza a situação, ao atribuir um nome à menina, e uma narrativa que justifica o ato e o momento. E apenas isso. A história que o escritor ficcionista conta-se em poucas palavras: dois amigos são atingidos pelo bombardeamento à sua escola quando lá estão. A menina salva-se, o menino morre. Em memória do amigo, que gostava muito de ler e justificava que lendo se esquecia da guerra, a protagonista regressa ao local onde agora só há escombros e ali descortina livros que começa a recolher. São eles que lhe permitirão manter-se mais perto do amigo que as bombas israelitas mataram. Não há neste livro nada que não um testemunho, uma voz de possibilidade, uma aproximação a uma pessoa que

Kalil gostava de livros. Quando lia histórias, dizia, era como se deixasse de ouvir os estrondos, os tiros, os gritos ao longe, as sirenes.

Que Luz Estarias a Ler?

João Pedro Mésseder e Ana Biscaia



Kalil gostava de livros. Quando lia histórias, dizia, era como se deixasse de ouvir os estrondos, os tiros, os gritos ao longe, as sirenes. Era como se uma luz se acendesse no coração do escuro.

**Ontem caiu outra bomba, desta vez na nossa escola.
alguém gritou o meu nome: «Aysha! Aysha!». Abri os
olhos como quem acorda de um pesadelo.**

Que Luz Estarias a Ler?

João Pedro Mésseder e Ana Biscaia



Ontem caiu outra bomba, desta vez na nossa
escola. Alguém gritou o meu nome: «Aysha! Aysha!»
Abri os olhos, como quem acorda de um pesadelo,
e sacudi a poeira da roupa e do cabelo. Estava viva.
«Levaram os corpos de Kalil e de outros meninos», disse a minha mãe a chorar.
Hoje à tarde corri para a escola. Agora chama-me os escombros.
Havia manchas de sangue e os meus olhos encheram-se de lágrimas.

de facto existia no momento em que a fotografia foi tirada. Não se espere qualquer eufemismo semântico. Apenas emoções, juízos e, quem sabe, um desejo de saber mais, de se implicar.

Momo, de Michael Ende, data de 1973. É uma novela distópica com um final feliz e uma heroína que, como manda a tradição, tem poderes que não reclamou e desconhecia. Momo, pela sua sensibilidade, tomará para si a responsabilidade de lutar e derrotar os ladrões do tempo, um grupo de pseudo-homens que consegue manipular os cidadãos, acenando-lhes com uma utopia de futuro feliz. Para o alcançarem, todos se entregam à alienação e escravidão do trabalho, deixando de questionar o bem e o mal. Momo consegue, por viver à margem da comunidade, não ser contaminada e descobrir a forma de destruir aquelas figuras que se alimentam precisamente do tempo quotidiano das pessoas. Embora não se trate de um cenário de guerra física, com mortes, bombardeamentos e sangue, esta narrativa apresenta um mundo violento na expoliação de direitos básicos, como o da dignidade e da liberdade. Não é, infelizmente, difícil encontrar modelos políticos e conjunturas históricas que se lhe assemelhem, bem como consequências catastróficas de êxodo e morte.

Emigração

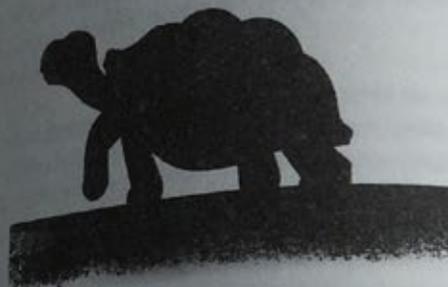


Migração chegou a Portugal em 2010, com a chancela da Orfeu Negro. Não tem sido um livro muito amado pelos potenciais leitores, e compreende-se porquê. Álbum sem texto, integra duas narrativas separadas

pelo tempo e pela história. Embora ficcionais, inspiram-se, como relata Mariana Chiesa Mateos (a autora) na introdução, na experiência migratória da sua própria família e na realidade atual. Por um lado, a intensa emigração da Europa para os países latinoamericanos, como o Brasil ou a Argentina, durante a primeira metade do séc.XX; por outro a emigração clandestina para a Europa na atualidade. As duas narrativas têm mais a afastá-las do que a uni-las. Se os emigrantes que chegavam ao continente americano o faziam em embarcações legais e ali chegavam em segurança, aqueles que agora conseguem superar todos os perigos em barcas sobrelotadas e alcançam a costa, podem mesmo ser salvos por um surfista mas têm à sua espera não apenas socorro médico. Ficam em muitos casos detidos correndo o risco

**Não havia
dúvidas, Momo
estava realmente
em perigo! tinha
de ir ter com ela
imediatamente,
tinha de avisar
dos cinzentos,
tinha de a
proteger deles
- embora não
soubesse como.**

Momo
Michael Ende



CAPÍTULO DÉCIMO
UMA PERSEGUIÇÃO VIOLENTA
E UMA FUGA PACATA

O velho Beppo pedalava na sua bicicleta chiante pela noite fora. Rolava o mais depressa que podia. Continuava a ouvir constantemente as palavras do juiz cinzento nos seus ouvidos: «Vamos tratar desta criança notável... Pode estar certo, réu, que ela não nos voltará a incomodar... para isso zelaremos com todos os meios ao nosso alcance.»

Não havia dúvidas, Momo estava realmente em perigo! Tinha de ir ter com ela imediatamente, tinha de avisar dos cinzentos, tinha de a proteger deles — embora não soubesse como. Mas isso descobriria ele num instante. A sua popa de cabelo branco esvoaçava. O caminho até ao anfiteatro era ainda longo.

Toda a ruína estava iluminada cruamente pelos faróis de muitos carros cinzentos e elegantes, que a tinham circundado por todos os lados. Dezenas de senhores cinzentos apressavam-se degraus acima e degraus abaixo, rebuscando cada cantinho. Finalmente acabaram por encontrar o buraco no muro, atrás do qual se abrigava o quartinho de Momo. Alguns deles treparam lá para dentro e procuraram debaixo da cama e até no fogão metido na parede. Depois voltaram a sair, sacudiram os seus fatos cinzentos e encolheram os ombros.

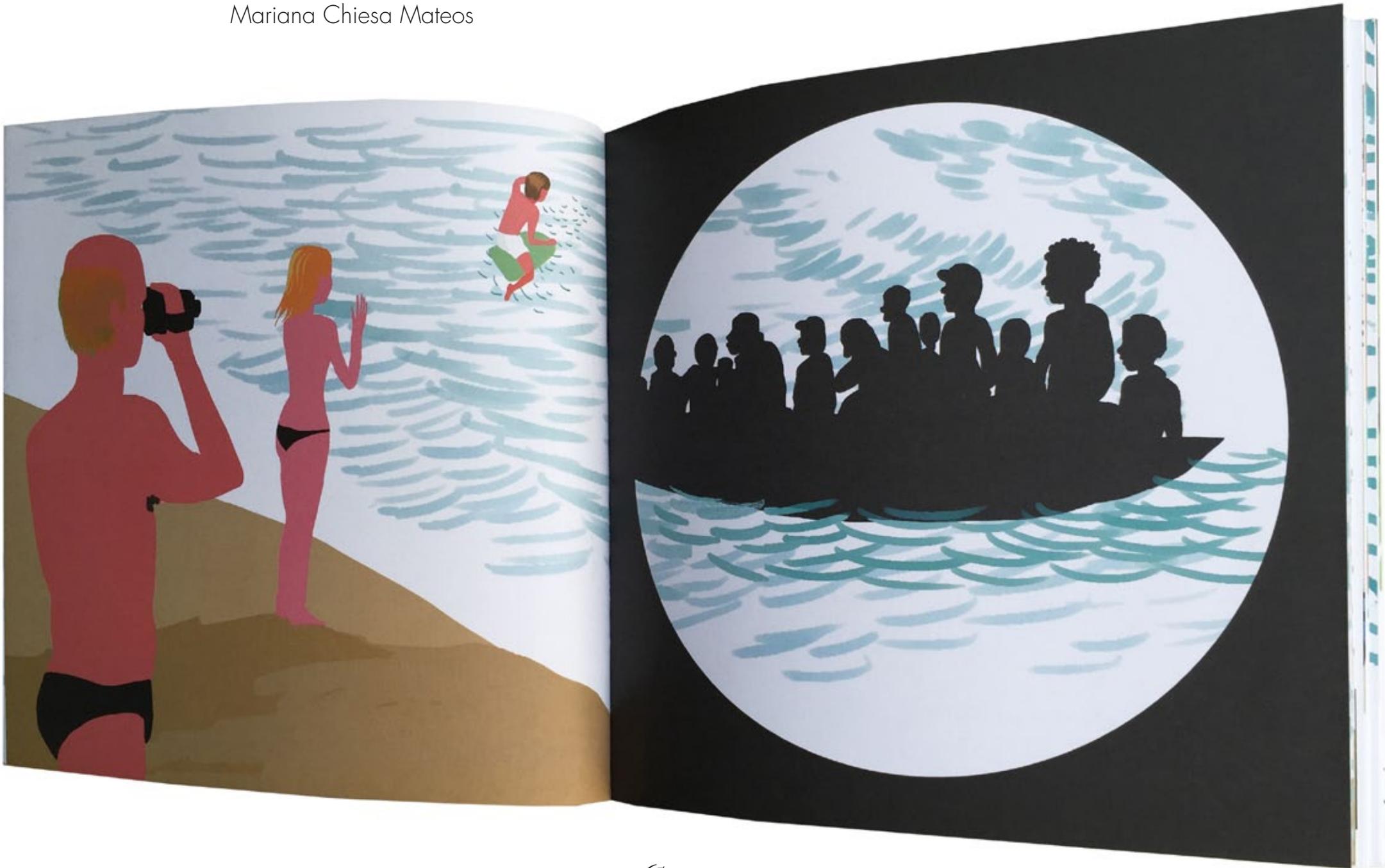
— O passarinho fugiu — disse um deles.

— É incrível — ripostou um outro — que as crianças andem por aí a meio da noite e que não estejam deitadinhas na cama, como deveria ser.

Migrando
Mariana Chiesa Mateos



Migrando
Mariana Chiesa Mateos



da repatriação. Tudo isto nos conta a autora, sem esquecer as malas, as silhuetas de quem parte, os rostos e os corpos colados às grades, outros tombados por metralhadoras, sempre enquadrados por pássaros que sobrevoam livremente os hemisférios. Esse poder de evasão, associado ao reencontro e à despedida, ao testemunho e à experiência de assistir de longe fazem deste álbum uma leitura de diálogos e de memória.

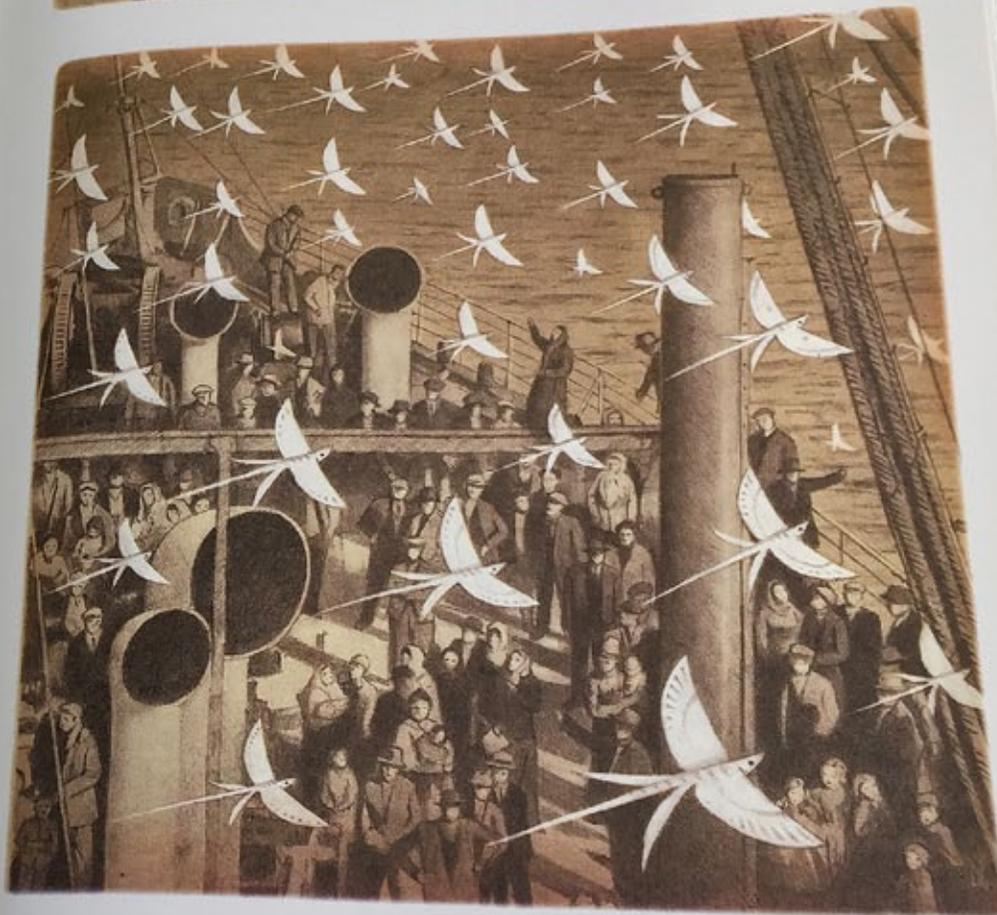
E *migrantes* (Kalandraka) tem em comum com *Migrando* não apenas o tema, mas a motivação e a escolha da imagem como único recurso narrativo. Shaun Tan recuperou diversas memórias de emigrantes de várias gerações com quem falou, que ao longo de décadas procuraram a Austrália vindos de diversos países do sudoeste asiático, bem como a do próprio pai, oriundo da Malásia. A partir da multiplicidade de informações que resultaram de uma pesquisa acurada, o ilustrador incluiu ilustrações que homenageiam ou remetem para fotografias, ilustrações e episódios de época: Titanic, a imagem da chegada a Nova Iorque com a está-

tua da Liberdade em destaque ou a nave de uma gare onde os emigrantes ficavam aguardando vistorias médicas e algumas orientações, tudo remonta a postais do início do séc. XX. No final do livro, é o próprio Shaun Tan quem enuncia os vários referentes recriados no seu universo futurista, mecânico e com laivos de surrealismo.

O reconhecido vai dando lugar ao onírico tanto quanto os emigrantes perdem a refreência de casa. Cada detalhe desta narrativa visual, que acompanha o périplo de um homem desde que arruma a mala e se despede da família até que consegue integrar-se numa nova e desconhecida comunidade, promove uma identificação entre o leitor e o protagonista, e uma partilha de emoções: da saudade à indiferenciação, do assombro à tentativa de interpretar o novo mundo. Para além da história deste homem, que parte de uma terra pobre assombrada pelos tentáculos de um eventual monstro, outras se entrecruzam: a de uma mulher que fugiu da escravidão quando ainda era menina, a de um casal que fugiu de uma invasão que destruía a sua terra e a de um velho que partira para a guerra e quando regressara a casa apenas encontrara escombros. Com cada uma destas pessoas, o homem aprende algo: a andar de transportes, a escolher novos produtos para comer, a jogar com um grupo.



Emigrantes
Shaun Tan



Emigrantes
Shaun Tan

Sem texto, para que qualquer leitor o perceba, em qualquer parte do mundo, seja ou não emigrante, este é um livro complexo na sua arquitetura referencial, como o é sempre a história universal, e simples na mensagem.

Recomeço

Chegar a um novo país e reconhecer a paz e a liberdade é um alívio. Num primeiro momento, instala-se um alívio profundo. Assim acontece com a família da narradora de *Com Três Novelas*, que o Planeta Tangerina editou em março, e conta a história verídica de uma menina que acompanha os pais num exílio político fora de Portugal. Estranhando a rigidez geométrica do espaço físico e o comportamento quase militarizado das pessoas, instala-se um certo desconforto na família que a mãe da menina resolve, recriando camisolas a partir das três cores de novelas disponíveis com muito sucesso junto da comunidade. Enriqueta Cristina cria uma imagem para um contexto político e histórico preciso, refletindo sobre os limites forçados à democracia e as múltiplas formas como se manifestam. Todavia, a intervenção daquela família migrante

altera, mesmo que através de um ínfimo contributo, um estado de coisas. Porque dele necessita para que naquele recomeço se consiga integrar. Potencialmente, é o papel de todos, vindos de qualquer geografia.

O Princípio, que a Kalandraka editou em 2012, relata poeticamente um recomeço que se ergue do caos, dos destroços da guerra e que, pela voz de uma criança, dá eco de uma visão otimista e de pequenos acontecimentos que se vão sucedendo para que esse recomeço se cumpra. Viver no carro, não ter roupa nem comida, andar pisando cinzas e vidros em edifícios destruídos e, ao mesmo tempo, agir. As crianças tomam naturalmente a dianteira: quem mais do que elas gosta de brincar? Ouvir histórias, rir porque naquele momento apetece, aproveitar qualquer coisa que se encontra no chão para jogar... As ilustrações profusamente realistas de Sonja Danowski descrevem cada rua, carro, edifício ou pessoa como se de uma fotografia se tratasse, conferindo ao texto de Paula Carballeira ainda mais impacto. A suavidade dos sépias, rosas e azuis compõem um ambiente de esperança, urgente e incontornável.

De alguma forma, *O Princípio* justifica *A Máquina Infernal*: a reconstrução deve impor-se categoricamente. O recomeço será igualmente inevitável e não necessariamente mau.

É estranho, disse ela, só havia estas três cores à venda... deve ser moda aqui.

Com Três Novelas
Henriqueta Cristina e Yara Kono

No início do outono também eu fui para a escola,
um edifício de janelas altas, grande e cinzento,
igualzinho a uma caixa de sapatos deitada.
Ficava no centro do bairro onde vivíamos,
um bairro onde todas as casas eram também
caixas de sapatos cinzentas, mas verticais.



Fazia frio nesse país. A minha mãe comprou-nos
camisolas. Cinzentas, verdes e cor de laranja.
Todas do mesmo feitio, lisas e em ponto de liga
(a mãe sabia tudo sobre malha).

*É estranho, disse ela, só havia estas três cores à venda...
Deve ser moda aqui.*

**No domingo seguinte, saímos à rua com as
camisolas novas.**

Com Três Novelas
Henriqueta Cristina e Yara Kono



No domingo seguinte, saímos à rua com as camisolas novas. Atravessámos o bairro e chegámos a uma enorme praça, onde meninos de camisolas cor de laranja, verdes ou cinzentas faziam voar as pombas. A minha mãe sentou-se a tricotar outra camisola, desta vez verde com losangos laranja. Nós corremos para as pombas, mas, nesse momento, senti um estranho silêncio à nossa volta: a praça inteira olhava-nos espantada e, aos poucos, todos os meninos, pais e mães se foram aproximando para nos verem melhor.

**Quando a guerra acabou, ficámos sem casa.
- Não importa - disse a mãe - temos um carro.**

O Princípio

Paula Carballeira e Sonja Danowski



Um dia, alguém começou a brincar.

O Princípio

Paula Carballeira e Sonja Danowski



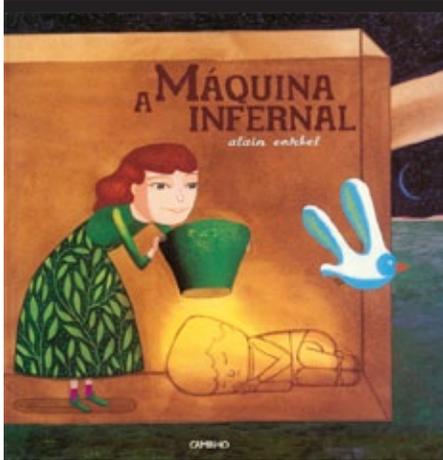
Um dia,
alguém começou a brincar.

Capacete

*Capacete de soldado
só é bom quando servir
de vaso de flor,
malga de sopa
ou regador.*

João Pedro Mésseder, *O Pequeno Livro das Coisas*, Caminho

Guerra, fuga e recomeço: oito histórias



A Máquina Infernal

Alain Corbel
Caminho, 2005



Que Luz Estarias a Ler?

João Pedro Méseder
e Ana Biscaia
2014



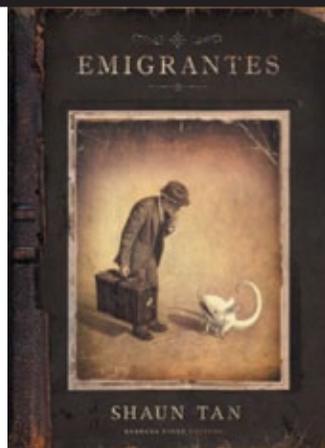
Momo

Michael Ende
Editorial Presença
4.ª ed., 2014



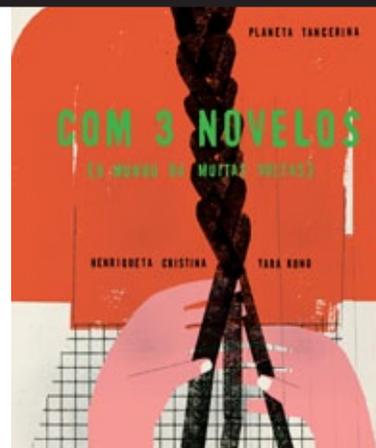
Migrando

Mariana Chiesa Mateos
Orfeu Mini, 2010



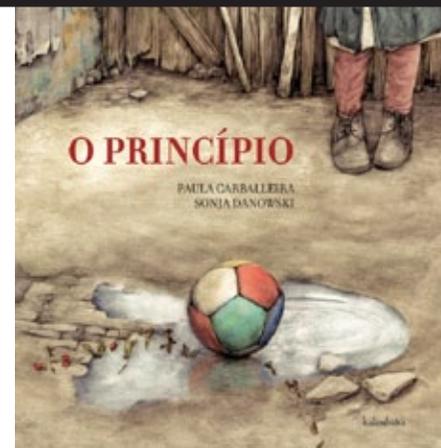
Emigrantes

Shaun Tan
Kalandraka, 2011



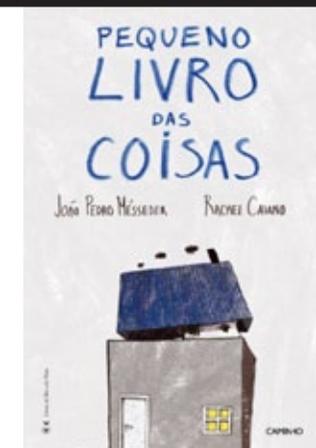
Com 3 Novelos

Henriqueta Cristina e Yara Kono
Planeta Tangerina, 2015



O Princípio

Paula Carballeira e Sonja Danowski
Kalandraka, 2012



Pequeno Livro das Coisas

João Pedro Méseder
e Rachel Caiano
Caminho, 2012

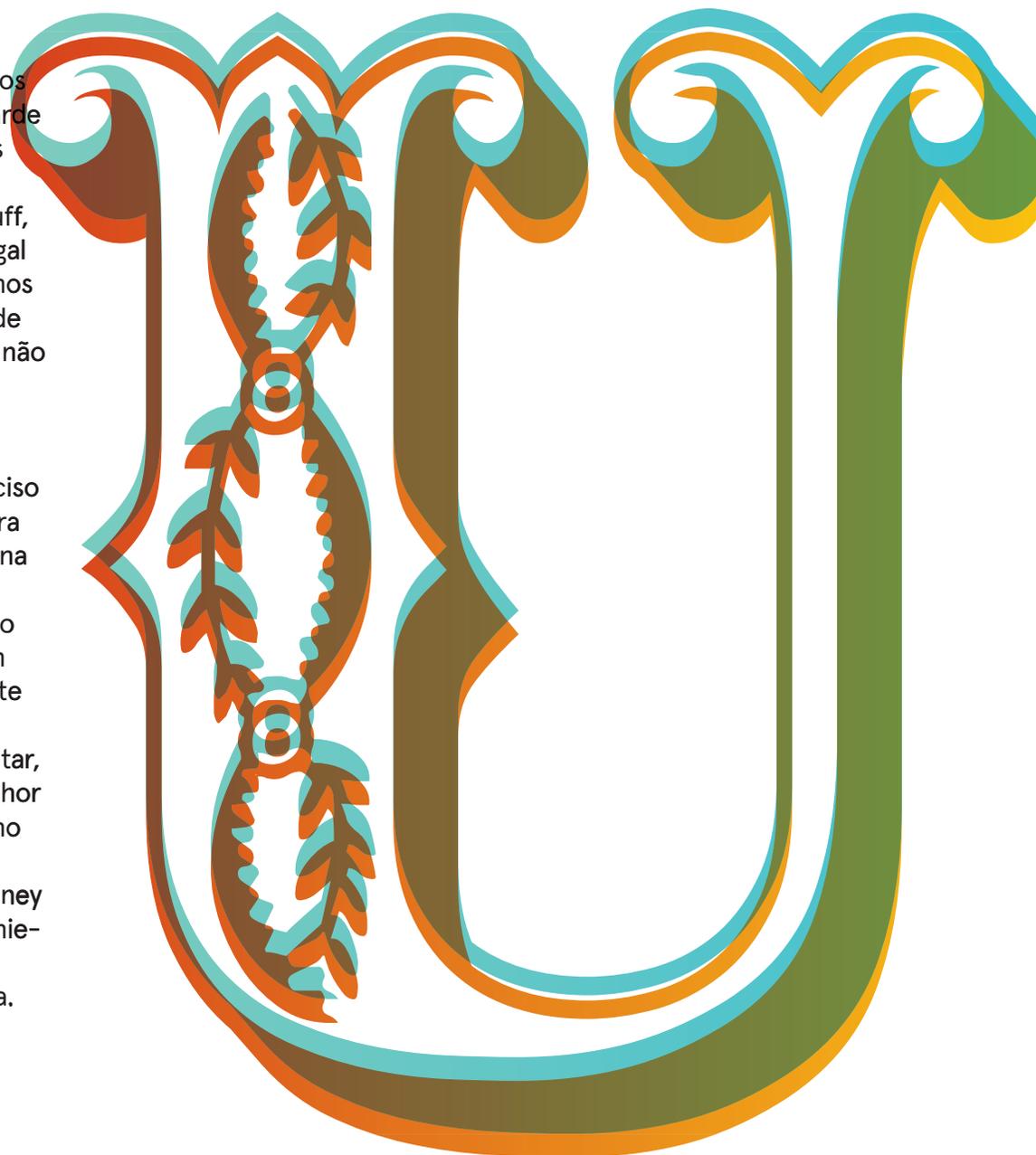
Urso

As histórias estão cheias de ursos mas só um fica acordado até tarde a pensar Grandes Pensamentos acerca de Nada.

Winnie the Pooh (ou Joanica Puff, como era conhecido em Portugal dos anos 1970) foi criado nos anos 1920 por A.A. Milne (desenhos de E. H. Shepard) e é um urso que não se acha muito esperto.

Sem saber, o urso de poucos miolos vive a máxima dos epicuristas: para ser feliz é preciso liberdade, amizade e tempo para filosofar. No caso de se perder na floresta, pode ter ideias como: tentar chegar a um sítio que não é o que se procura. O que, bem vistas as coisas, tem até bastante lógica: se tentar chegar ao sítio que se procura não está a resultar, fazer o inverso talvez seja a melhor opção para encontrar o caminho de volta. Os herdeiros de Milne venderam os direitos à Walt Disney que tratou de transformar Winnie-the-Pooh num boneco de fast food — mas isso é outra história.

Madalena Matoso
Ilustradora, editora
do Planeta Tangerina

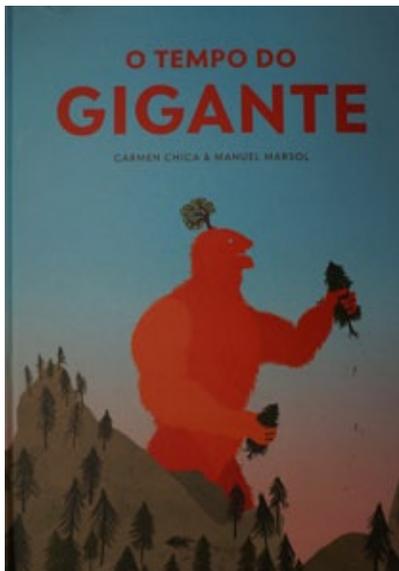


Universo

Há dias perdi a oportunidade de enviar uma pergunta para o espaço. Seria para um astronauta, da minha idade, que fez a primeira viagem espacial. Lá de cima, a gravitar, queria que ele me dissesse o que é o Universo, se é mesmo tudo o que existe, até aquilo que não vemos e não sabemos — como leio nos dicionários —, se é magnífico, frio e pouco amistoso, indiferente à Humanidade, como disse Isaac Asimov. Gostava que o astronauta me respondesse que no Universo cabe tudo e é onde tudo acontece, como as histórias imaginadas dos livros. Ou que me dissesse que o Universo é só uma palavra cheia de perguntas, para nos fazer pensar.

Sílvia Borges Silva
Jornalista, autora do blogue
O Palácio da Lua

O Tempo do Gigante Carmen Chica & Manuel Marsol Orfeu Negro



O tempo é um tema intrigante. Problematizador, angustiante, complexo e conceptual, custa a entranhar-se na lógica infantil, que nem sempre reconhece a sucessão dos dias, das horas, dos meses, e as constantes analepses que o discurso da memória provoca.

Neste álbum arrisca-se precisamente uma recriação da passagem do tempo, defendendo poeticamente uma tese contra

a incapacidade que muitos têm de não degustar dela nos seus elementos risíveis.

O monólogo do Gigante marca um ritmo lento de sucessão que a ilustração clarifica: o dia e a noite, as estações do ano, os próprios anos. Recorrendo a menos de cem palavras, algumas das quais várias vezes repetidas, Carmen Chica e Manuel Marsol alcançam um efeito literário notável, fruto de jogos sonoros

e variações de pontuação que pautam o equilíbrio dos dias iguais e, a espaços, uma hipotética mudança que nunca se materializa efetivamente. O lugar do texto em cada página, permanecendo algumas delas nuas de palavras, funciona como pêndulo fundador desta dinâmica.

Por fim, a ilustração. Sem ela, não haveria subtexto, não haveria confronto entre o que diz o Gigante e o que o leitor observa. O tempo passa sem que nada aconteça, e assim torna todos os dias iguais. Será uma reclamação, um lamento do protagonista? Solitário, a sua dimensão é preceptível em comparação com a casa de que cuida, as montanhas por onde caminha ou os pinheiros que arranca. A sua figura cor de fogo, coberta de pelo, recortada nesse cenário natural, recupera toda uma tradição do monstro sensível e incompreendido. Igualmente, a da vitalidade e da energia que contrastam com esta placidez. O céu, presente em muitos fundos, harmoniza a imagem e confere-

ESPELHO MEU

lhe um inesperado equilíbrio visual, fruto da complementaridade cromática entre laranja e azul. No desfecho, contudo, o leitor acede a um novo tom que justifica mais claramente a cor inicial do pelo do gigante na sua condição aberta e forte. As guardas confirmam-no. O livro começa e acaba com o mesmo quadro visual: a mão do Gigante e o tronco de uma árvore. Na primeira ilustração, as suas unhas marcam a madeira, na última servem de passagem a um carreiro de formigas. Mas as marcas ainda se veem. Depois desta imagem, quase registada em zoom, o Gigante começa a distanciar-se da lente: primeiro, um retrato, depois, a totalidade do seu corpo. Este movimento espacial relaciona-se com a ação do protagonista que, embora considere que nada acontece, não se apercebe do que se passa em seu redor e, mais importante, não dá qualquer importância à sua própria intervenção. A mais persistente representação deste conflito está na árvore que lhe cresce na cabeça, que



ganha ramos, folhas e frutos, ao longo dos meses, para depois perder os frutos e logo as folhas e as recuperar enfim, perante a indiferença e até o eventual desconhecimento do Gigante. Parece que lhe passam igualmente despercebidas a nuvem baleia e a nuvem mar, ou os pequenos alimentos que deslizam diretamente da sua árvore para a boca aberta do crocodilo. Ao invés, é o Gigante que voluntariamente protege a casa da neve e do vento, salvando a vaca do voo feroz do tornado. Porque nada é óbvio nem maniqueísta, o Gigante também sorri, e desfruta do sol, ou da água nos pés, enquanto vai reiterando que «não aconteceu nada». A cereja no topo do bolo está na frase final. O que deveras importa? Que se sucedam mudanças e surpresas? Que nada mude? *O Tempo do Gigante*, uma edição da Orfeu Negro, é um álbum profuso de pequenos e delicados pormenores. O tempo de leitura e releitura será um tempo poético e problematizador.

Fotografia Onde trabalham os ilustradores

Como já é comum, a secção de literatura infantil e juvenil do *The Guardian* propõe uma nova galeria fotográfica. Desta vez, a iniciativa foi de Jake Green, que viajou pela Europa em busca dos espaços onde alguns ilustradores trabalham. São 17 fotografias disponíveis onde o leitor pode observar mesas, materiais, cadernos e as mãos dos próprios autores. Entre eles, Kitty Crowther, Beatrice Alemagna, Oliver Jeffers e Hervé Tullet. A exposição fotográfica está patente ao público na House of Illustration, em Londres, até novembro.



Bratislava Laura Carlin vence BIB

Pela primeira vez em vinte anos, a Grã Bretanha volta a ter um ilustrador vencedor na Bienal de Ilustração de Bratislava, uma das mais importantes exposições mundiais nesta área. Laura Calin foi distinguida pelo seu trabalho em dois livros, *The Iron Man*, com textos de Ted Hughes e *A World of your Own*, em que assina texto e ilustração. A autora dedica-se igualmente à ilustração editorial e à cerâmica. Dos cinco segundos prémios atribuídos, dois foram para autores espanhóis: Elena Odriozola e Javier Zabala. O japonês Mirocomachoko, o suíço Ronald Curchod e o chinês Bingchun Huan foram os outros nomes distinguidos com a maçã de ouro.



Versatilidade de António Malpico Prémio Iberoamericano

O escritor mexicano Antonio Malpico foi distinguido com o Prémio Iberoamericano SM de literatura infantil e juvenil. Os jurados assinalaram o sentido eclético da sua obra, não apenas no que respeita à amplitude de destinatários, mas igualmente à diversidade de temáticas e à sua organização narrativa que não esquece as referências literárias e cria ambientes fantásticos. O prémio, que conta com onze edições, foi pela primeira vez entregue a um escritor mexicano.



O dia B Outro dia para o livro

No próximo dia 21 de setembro comemora-se, com o advento da primavera no hemisfério sul, o Dia B, dia da Biodiversidade. Esta iniciativa realiza-se pelo sexto ano consecutivo e é da responsabilidade da Aliança de Editores Independentes, que nasceu em 2002 com a motivação de defender a diversidade editorial. Conseguir apoios para editar em línguas minoritárias, com narrativas e ilustrações com as quais as crianças de diversas comunidades se identifiquem, é apenas um dos exemplos. Neste dia a associação, que integra editores, jornalistas, autores e mediadores de todo o mundo propõe que se distribuam livros, numa ação simbólica de universalização.



saramaguiana

ENSAIO
SOBRE A
LUCIDEZ

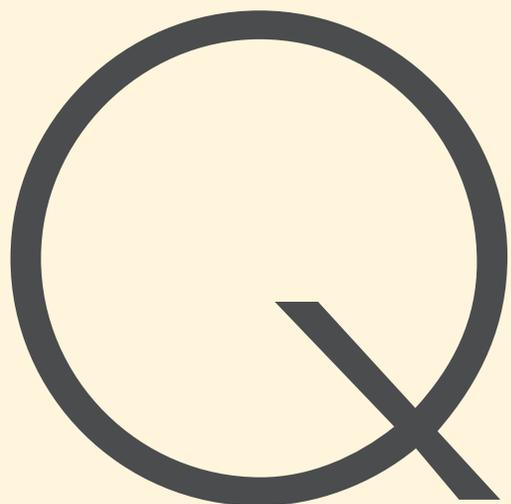
JOSÉ SARAMAGO

fotografias ISTOCKPHOTO



au tempo para votar, queixou-se o presidente da mesa da assembleia eleitoral número catorze depois de fechar com violência o guarda-chuva empapado e despir uma gabardina que de pouco lhe havia servido durante o esbaforido trote de quarenta metros desde o lugar onde havia deixado o carro até à porta por onde, com o coração a saltar-lhe da boca, acabava de entrar. Espero não ter sido o último, disse para o secretário que o aguardava um pouco recolhido, a salvo das bâtegas que, atiradas pelo vento, alagavam o chão. Ainda falta o seu suplente, mas estamos dentro do horário, tranquilizou o secretário, A chover desta maneira será uma autêntica proeza se cá chegarmos todos, disse o presidente enquanto passavam à sala onde se realizaria a votação. Cumprimentou primeiro os colegas da mesa que atuariam como escrutinadores, depois os delegados dos partidos e seus respetivos suplentes. Teve o cuidado de usar para todos as mesmas palavras, não deixando transparecer na cara nem no tom de voz quaisquer indícios que permitissem perceber as suas próprias inclinações políticas e ideológicas. Um presidente, mesmo de uma assembleia eleitoral tão comum como esta, deverá guiar-se em todas as situações pelo mais estrito sentido de independência, ou, por outras palavras, guardar as aparências.

Prezados concidadãos, disse, o resultado das eleições que hoje se realizaram na capital do país foi o seguinte, partido da direita, oito por cento, partido do meio, oito por cento, partido da esquerda, um por cento, abstenções, zero, votos nulos, zero, votos em branco, oitenta e três por cento.



uando na assembleia eleitoral número catorze, a cujo funcionamento tivemos a enorme satisfação de consagrar, como homenagem a esses dedicados cidadãos, um capítulo completo, sem omitir mesmo certos problemas íntimos da vida de alguns deles, quando em todas as assembleias restantes, do número um ao número treze, do número quinze ao número quarenta e quatro, os respectivos presidentes despejaram os votos nas compridas bancadas que haviam servido de mesas, um rumor impetuoso de avalanche atravessou a cidade. Era o prenúncio do terramoto político que não tardaria a produzir-se. Nas casas, nos cafés, nas tabernas e nos bares, em todos os lugares públicos onde houvesse uma televisão ou um rádio, os habitantes da capital, mais tranquilos uns que outros, esperavam o resultado final do escrutínio. Ninguém confienciava ao seu mais próximo como havia votado, os amigos mais chegados guardavam silêncio, as pessoas mais loquazes pareciam ter-se esquecido das palavras. Às dez horas da noite, finalmente, apareceu na televisão o primeiro ministro. Vinha com o rosto demudado, de olheiras cavadas, efeito de uma semana inteira de noites mal dormidas, pálido apesar da maquilhagem tipo boa saúde. Trazia um papel na mão, mas quase não o leu, apenas lhe lançou um olhar de vez em quando para não perder o fio do discurso, Prezados concidadãos, disse, o resultado das eleições que hoje se realizaram na capital do país foi o seguinte, partido da direita, oito por cento, partido do meio, oito por cento, partido da esquerda, um por cento, abstenções, zero, votos nulos, zero, votos em branco, oitenta e três por cento.



Dhaka, Bangladesh, janeiro 2014

Nos lugares, casas, bares, tabernas, cafés, restaurantes, associações ou sedes políticas onde havia votantes do partido da direita, do partido do meio e mesmo do partido da esquerda, a comunicação do primeiro-ministro foi largamente comentada, embora, como é natural, de maneiras diferentes e com matizações diversas. Os mais satisfeitos com a performance, a eles pertence o termo bárbaro, não a quem esta fábula vem narando, eram os do p.d.d., que, com ar entendido, piscando os olhos uns aos outros, se felicitavam pela excelência da técnica que o chefe havia empregado, essa que tem sido designada pela curiosa expressão de ora-o-pau-ora-a-cenoura, aplicada predominantemente aos asnos e às mulas nos tempos antigos, mas que a modernidade, com resultados mais do que apreciáveis, reaproveitou para uso humano. Alguns, no entanto, do tipo ferrabrás e mata-mouros, consideravam que o primeiro-ministro deveria ter terminado o discurso no ponto em que anunciou a declaração iminente do estado de exceção, que tudo o que disse depois era bem escusado, que com a canalha só a cacete, que se nos pomos aqui com paninhos quentes estamos lixados, que ao inimigo nem água, e outras fortes expressões de similar catadura.

Houve também pessoas que se limitaram a desligar o aparelho de televisão quando o primeiro-ministro terminou e depois, enquanto não iam para a cama, se entretiveram a falar das suas vidas, e outras houve que passaram o resto do serão a rasgar e a queimar papéis. Não eram conspiradores, simplesmente tinham medo.

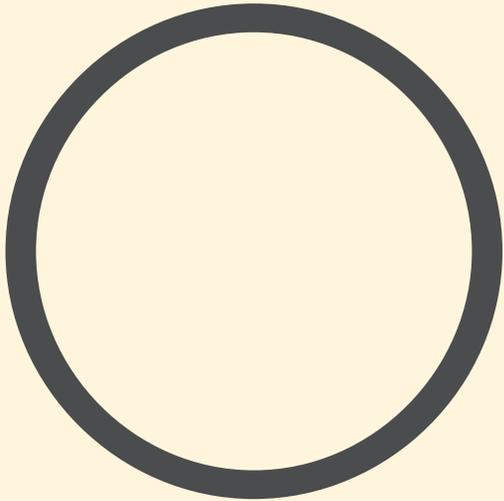
Mais inteligente e patriótico seria, acrescentava-se, formar já um governo de salvação nacional com representação de todos os partidos, porque, existindo realmente uma situação de emergência coletiva, não é com o estado de sítio que ela se resolverá, o que aconteceu ao p.d.d. foi perder os estribos, não tarda que o vejamos cair do cavalo abaixo. Também os militantes do p.d.e. sorriam à possibilidade de que o seu partido viesse a participar num governo de coligação, mas, entretanto, o que mais os preocupava era descobrir uma interpretação do resultado eleitoral que conseguisse disfarçar a brutal queda de votos que o partido havia sofrido, pois que, alcançando os cinco por cento na última eleição realizada e tendo passado a dois e meio na primeira roda desta, se encontrava agora com a miséria de um por cento e um negro futuro por diante. O resultado da análise culminou na preparação de um comunicado em que se insinuaria que, não havendo razões objetivas que obrigassem a pensar que os votos em branco tinham pretendido atentar contra a segurança do estado ou contra a estabilidade do sistema, o correto seria presumir a casualidade de uma coincidência entre a vontade de mudança por aquela maneira manifestada e as propostas de progresso contidas no programa do p.d.e. Nada mais, tudo isto. Houve também pessoas que se limitaram a desligar o aparelho de televisão quando o primeiro-ministro terminou e depois, enquanto não iam para a cama, se entretiveram a falar das suas vidas, e outras houve que passaram o resto do serão a rasgar e a queimar papéis. Não eram conspiradores, simplesmente tinham medo.



Istambul, Turquia, março de 2014

Então, ó surpresa, ó assombro, ó prodígio nunca visto, primeiro o desconcerto e a perplexidade, depois a inquietação, depois o medo, filaram as unhas nas gargantas do chefe do estado e do chefe do governo, dos ministros, secretários e subsecretários, dos deputados, dos seguranças dos caminhões, dos batedores da polícia, e até, se bem que em menor grau, do pessoal das ambulâncias, por profissão habituado ao pior. À medida que os automóveis iam avançando pelas ruas, acendiam-se nas fachadas, umas após outras, de cima a baixo, as lâmpadas, os candeeiros, os focos, as lanternas de mão, os candelabros quando os havia, talvez mesmo alguma velha candeia de latão de três bicos, daquelas alimentadas a azeite, todas as janelas abertas e resplandecendo para fora, a jorros, um rio de luz como uma inundação, uma multiplicação de cristais feitos de lume branco, assinalando o caminho, apontando a rota da fuga aos desertores para que não se perdessem, para que não se extraviassem por atalhos. A primeira reação dos responsáveis pela segurança dos comboios foi pôr de lado todas as cautelas, mandar pisar os aceleradores a fundo, dobrar a velocidade, e assim mesmo se começou por fazer, com a alegria irreprimível dos motoristas oficiais, os quais, como é universalmente conhecido, detestam ir a passo de boi quando levam duzentos cavalos no motor. Não lhes durou muito a correria. A decisão, por brusca, por precipitada, como todas as que são fruto do medo, deu origem a que, praticamente em todos os percursos, ora um pouco mais à frente ora um pouco mais atrás, se produzissem pequenas colisões, em geral era o automóvel de trás a dar uma trombada no que o precedia, ditosamente sem consequências de maior gravidade para os passageiros, foi um sobressalto de susto e pouco mais, um hematoma na testa, um arranhão na cara, um jeito no pescoço, nada que baste para justificar amanhã uma medalha por ferimentos, cruz de guerra, coração púrpura ou qualquer engendro similar.

Assim é, além disso, há outro fator importante, talvez o mais importante de todos, Qual, Por muito que se tenha tentado e continue a tentar-se, nunca se há de conseguir que as pessoas pensem todas da mesma maneira.



primeiro-ministro lembrou-se de súbito de que a sua primeira obrigação era ter telefonado ao chefe do estado, perguntar-lhe como se encontrava, interessar-se pela saúde da presidencial pessoa, e que tinha de fazê-lo agora mesmo, sem mais perda de tempo, não fosse o caso de ele, por maliciosa astúcia política, se antecipar, E apanhar-me com as calças na mão, murmurou sem pensar no significado literal da frase. Pediu ao secretário que fizesse a chamada, um outro secretário respondeu de lá, o secretário daqui disse que o senhor primeiro-ministro desejava falar ao senhor presidente, o secretário de lá disse um momento por favor, o secretário daqui passou o telefone ao primeiro-ministro, e este, como competia, esperou, Como estão por aí as coisas, perguntou o presidente [...] Não posso esconder-lhe que me sinto preocupado, agora muito mais que no dia da primeira eleição, Porquê, Estas luzes que se acenderam à nossa passagem e que, com toda a probabilidade, vão continuar a acender-se durante o resto do caminho, até sairmos da cidade, a ausência absoluta de pessoas, repare que não se distingue uma só alma nas janelas nem nas ruas, é estranho, muito estranho, começo a pensar que deverei admitir o que até agora recusava, que há uma intenção por trás disto, uma ideia, um objetivo pensado, as coisas estão a passar-se como se a população obedecesse a um plano, como se houvesse uma coordenação central, Não acredito, o meu caro primeiro-ministro sabe muito melhor do que eu que a teoria da conspiração anarquista não tinha qualquer ponta por onde se lhe pegasse, e que a outra teoria, de que um estado estrangeiro malvado estava empenhado



Boca Raton, Florida, 2008

numa ação desestabilizadora contra o nosso país, não valia mais que a primeira, Julgávamos que tínhamos a situação completamente controlada, que éramos donos e senhores da situação, e afinal saltaram-nos ao caminho com uma surpresa que nem o mais pintado pareceria capaz de imaginar, um perfecto golpe de teatro, tenho de reconhecê-lo, Que pensa fazer, Por agora, continuar com o plano que elaborámos, se as circunstâncias futuras aconselharem a introduzir-lhe alterações só o faremos depois de um exame exaustivo dos novos dados, seja como for, quanto ao fundamental, não prevejo que tenhamos de efetuar qualquer mudança, E na sua opinião o fundamental é, Discutimo-lo e chegámos a acordo, senhor presidente, isolar a população, deixá-los cozer a fogo lento, mais cedo ou mais tarde é inevitável que comecem a dar-se conflitos, os choques de interesses irão suceder-se, a vida tornar-se-á cada vez mais difícil, em pouco tempo o lixo invadirá as ruas, imagine, senhor presidente, o que será tudo isto se as chuvas voltarem, e, tão certo como eu ser primeiro-ministro, haverá graves problemas no abastecimento e distribuição dos alimentos, nós nos encarregaremos de os criar se assim se mostrar conveniente, Crê então que a cidade não poderá resistir por muito tempo, Assim é, além disso, há outro fator importante, talvez o mais importante de todos, Qual, Por muito que se tenha tentado e continue a tentar-se, nunca se há de conseguir que as pessoas pensem todas da mesma maneira, Desta vez até se diria que sim, Seria demasiado perfeito para poder ser verdadeiro, senhor presidente, E se existe realmente por aí, pelo menos há pouco tinha-o admitido como hipótese, uma organização secreta, uma máfia, uma camorra, uma cosa nostra, uma cia ou um kgb, A cia não é secreta, senhor presidente, e o kgb já não existe, A diferença não será grande, mas imaginemos

Agora são grupos animados de raparigas e de rapazes que andam a meter os papéis nas caixas de correio ou a entregá-los às portas, alguém pergunta se é publicidade e eles respondem que sim senhor, e da melhor que há.



Barcelona, Espanha, setembro de 2014

sembles

algo assim, ou ainda pior, se é possível, mais maquiavélico, inventado agora para criar esta quase unanimidade à volta de, se quer que lhe diga, nem sei bem de quê, Do voto em branco, senhor presidente, do voto em branco, Até aí sou capaz de chegar por minha própria conta, o que me interessa é aquilo que não sei, Não duvido, senhor presidente, Continue, por favor, Embora eu seja obrigado a admitir, em teoria, sempre em teoria, a possibilidade da existência de uma organização clandestina decidida contra a segurança do estado e contra a legitimidade do sistema democrático, essas coisas não se fazem sem contactos, sem reuniões, sem células, sem aliciamentos, sem papéis, sim, sem papéis, o senhor presidente bem sabe que neste mundo é totalmente impossível fazer qualquer coisa sem papéis, e nós, a par de não termos uma só informação que seja sobre qualquer atividade das que acabei de mencionar, também não encontramos, ao menos, uma simples folha de agenda que dissesse Avante, companheiros, le jour de gloire est arrivé, Não compreendo por que teria de ser em francês, Por aquilo da tradição revolucionária, senhor presidente, Que extraordinário país este nosso, onde sucedem coisas nunca antes vistas em nenhuma outra parte do planeta, Não precisarei de lhe recordar, senhor presidente, que não foi esta a primeira vez, Precisamente a isso me estava a referir, meu caro primeiro-ministro, É evidente que não há a menor probabilidade de uma relação entre os dois acontecimentos, É evidente que não, a única coisa que têm em comum é a cor, Para o primeiro não se encontrou até hoje uma explicação, E para este também a não temos, Lá chegaremos, senhor presidente, lá chegaremos, algo de estranho tinha acontecido na cidade, estes homens e estas mulheres



Yambio, Sudão, janeiro de 2011

que andam a distribuir uns pequenos papéis que as pessoas param a ler e logo guardam no bolso, agora mesmo acabaram de entregar um ao comissário, e é a fotocópia do artigo do jornal apreendido, aquele que tem o título de Que Mais Nos Falta Saber, aquele que nas entrelinhas conta a verdadeira história dos cinco dias, então o comissário não consegue reprimir-se, e ali mesmo, como uma criança, desata num choro convulsivo, uma mulher da sua idade vem perguntar-lhe se se sente mal, se precisa de ajuda, e ele só pode acenar que não, que está bem, que não se preocupe, muito obrigado, e, como o acaso às vezes faz bem as coisas, alguém de um andar alto deste prédio lança um punhado de papéis, e outro, e outro, e cá em baixo as pessoas levantam os braços para agarrá-los, e os papéis descem, adejam como pombos, e um deles descansou por um momento no ombro do comissário e resvalou para o chão. Afinal, ainda nada está perdido, a cidade tomou o assunto nas suas mãos, pôs centenas de máquinas fotocopadoras a trabalhar, e agora são grupos animados de raparigas e de rapazes que andam a meter os papéis nas caixas de correio ou a entregá-los às portas, alguém pergunta se é publicidade e eles respondem que sim senhor, e da melhor que há. Estes felizes sucessos deram uma alma nova ao comissário, como por um passe de magia, da branca, não da negra, fizeram-lhe desaparecer a fadiga, é outro homem este que avança por estas ruas, é outra a cabeça que vai pensando, vendo claro o que antes era obscuro, emendando conclusões que antes pareciam de ferro e agora se desfazem entre os dedos que as apalpam e ponderam.



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



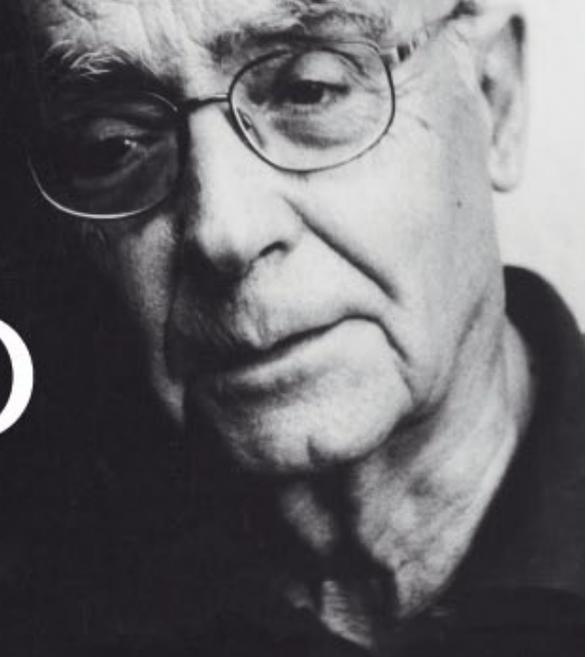
Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



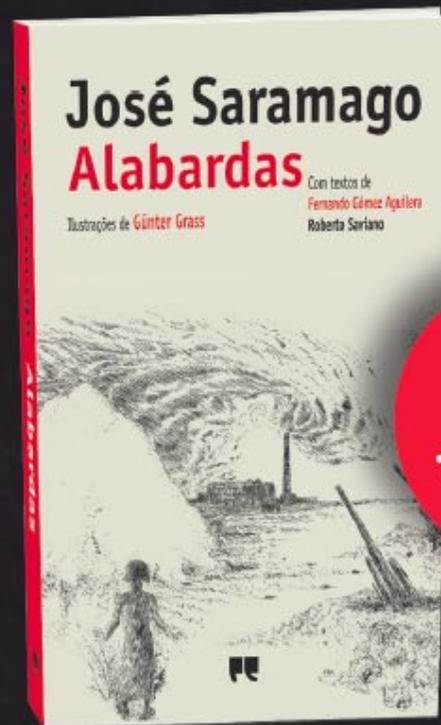
Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoeiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org

O PRÉMIO NOBEL PORTUGUÊS CONTINUA VIVO

JOSÉ SARAMAGO



**ALABARDAS, ALABARDAS,
ESPINGARDAS, ESPINGARDAS**
Uma última viagem na sua
permanente vocação
para agitar consciências.



**LIVRO
INÉDITO**

 **Porto
Editora**
70 ANOS a abrir horizontes

 **Fundação
José Saramago**

Que boas estrelas

estarão cobrindo

os céus de Lanzarote?

José Saramago, *Cadernos de Lanzarote*

**A Casa
José Saramago**

**Aberta de segunda a sábado,
das 10 às 14h.**

Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h.

Última visita a las 13h30 h.

**Open from monday to saturday,
from 10 am to 14 pm.**

Last entrance at 13.30 pm.

**Tías-Lanzarote - Ilhas Canárias,
Islas Canarias, Canary Islands**

www.acasajosésaramago.com



SETEMBRO

**Até
27 set**

Poética de la Infancia. Los Niños en el Arte.

A evolução do conceito de infância numa exposição de obras de arte datadas de entre os séculos XVI e XX. Museo Nacional de San Carlos, México DF.

→●

**Até
27 set**

Antonio & Maria

A partir do universo literário de António Lobo Antunes, Miguel Seabra e Rui Cardoso Martins colocam em cena um monólogo interpretado por Maria Rueff. Teatro Meridional, Lisboa.

→●

**Até
3 out**

Viagem no Tempo: do outro lado do espelho

Exposição dedicada ao retrato fotográfico, que reúne imagens captadas entre 1847 e 1947, pertencentes ao espólio do Museu de Lamego. Galeria Municipal de Arte, Almada.

→●

**Até
17 out**

Novos Talentos: Fotografia contemporânea no Brasil

Exposição coletiva que reúne o trabalho de dez fotógrafos contemporâneos, compondo um olhar plural sobre o Brasil. Caixa Cultural, Rio de Janeiro.

→●

**Até
18 out**

Llampades en la foscor (Síria, 2011-2015)

Exposição de fotografias de Ricard Garcia Vilanova, presente na Síria desde o início da revolta contra Bashar Al-Asad. La Vireeina - Centre de La Imatge, Barcelona.

→●

SETEMBRO

21 a
27 set

Festival Peregrinos Musicais

Quinta edição do festival que leva a música erudita a vários espaços da capital galega. Vários lugares, Santiago de Compostela.

→●

26
set

A Fuga das Freiras

Espetáculo de teatro comunitário, com base no facto histórico que terá estado na origem da devoção em torno da Ermida da N^a Sr^a da Lapa, em Aguiar da Beira. Largo dos Monumentos, Aguiar da Beira.

→●

2 out a
22 nov

Festa do Cinema Francês

Décima quinta edição deste festival, espalhando uma seleção de filmes franceses por várias cidades do país.

Vários lugares.

→●

3 out a
18 nov

La Espera Forma Parte de Una Vida Intensa

Exposição retrospectiva do trabalho da artista indiana Nasreen Mohamedi, perscrutora do abstracionismo plástico no seu país. Museo Reina Sofia, Madrid. De 23 de setembro a 11 de janeiro .

→●

3 out a
18 nov

34° Panorama da Arte Brasileira

Com o tema da origem como guia, a curadoria Aracy Amaral traça um panorama da arte brasileira a partir dos zoólitos encontrados no sudoeste brasileiro. São Paulo, Museu de Arte Moderna.

→●

Blimunda, Número especial

anual / 2014, em papel.

disponível nas livrarias

portuguesas.

Encomendas através do site

loja.josesaramago.org

